

J. Herculano Pires

Vampirismo



William Holman Hunt
A Costa



Conteúdo resumido

Conforme as palavras de Herculano Pires, as relações, no campo afetivo e mental, entre homens e espíritos permitem as ligações de espíritos viciados com homens de tendências viciosas. Essa relação mórbida e prejudicial é estudada nesta obra por Herculano, que discorre sobre as causas do vampirismo, os métodos de tratamento errôneos utilizados pela Psiquiatria tradicional e as técnicas adequadas para um tratamento eficaz, baseado no esclarecimento dos envolvidos no processo, levando-os a se curarem através da renovação de hábitos e costumes e do fortalecimento do seu livre-arbítrio e do seu caráter.

Herculano nos apresenta, ainda, o vampirismo com uma visão muito mais ampla, qual seja:

- dos seres parasitas, que se sustentam com as energias de outros seres;
- dos seres espirituais, que extraem as energias dos humanos para suas manifestações físicas;
- dos homens gananciosos, que sustentam suas riquezas com o sacrifício dos mais humildes;
- dos humanos que sugam as energias da natureza para saciar sua fome de conforto e prazer;
- das várias trocas naturais de energia material e espiritual entre todos os seres do Universo.

Sumário

» Teorias proteladoras	4
» Parasitas e vampiros	10
» O homem pela metade	16
» Comportamento humano	23
» Os vampiros sagrados	34
» <i>Apport</i> e <i>endoport</i>	44
» Casos atuais de <i>endoport</i>	51
» O autovampirismo	61
» Aves de rapina	67
» Vampirismo telúrico	75
» Dinâmica da consciência	82
» Vampirismo cósmico	89

Vampirismo e Comportamento

Teorias proteladoras

Todo o campo da Psicoterapêutica atual está inçado de obstáculos que impedem o avanço dos pesquisadores nas tentativas necessárias de esclarecimento positivo de seus problemas. Jovens que entraram esperançosos em cursos universitários, em busca de conhecimentos positivos com que pudessem enfrentar e solucionar os problemas psíquicos angustiantes da atualidade, acabam na frustração e no desespero. Muitos deles acabam aderindo às correntes de aventureiros e exploradores do campo minado. Fracassam em seus próprios casos e aumentam as legiões dos desesperados, recorrendo a expedientes escusos para se manterem num equilíbrio aparente. Descobrem apavorados a inscrição dantesca nos portais do Inferno: “Deixai toda esperança, ó vós que entraís”. Os veteranos do profissionalismo frustrado acomodam-se em algumas escolas teóricas e tentam subverter a escala de valores da Civilização da Angústia, normalizando tragicamente a anormalidade. Capitulam estrategicamente na batalha inglória, à espera de futuras descobertas salvadoras. Entregam o pescoço à Esfinge de Édipo.

Essa situação dolorosa das ciências do psiquismo, em meio ao esplendor do avanço geral das Ciências em outros campos, reafirma a falsa ideia gerada no criticismo kantiano, de uma dualidade trágica e irremediável do homem condenado: a da existência de um mundo inacessível às Ciências.

As teorias proteladoras seguem o caminho inevitável dos processos naturais a que tudo e todos nós estamos sujeitos: crescem, desenvolvem-se, envelhecem e morrem. Mas deixam, na vida dos organismos conceptuais, as gerações espúrias das descen-

dências de uma espantosa filogênese do sistemático. Dessa maneira, a roda das frustrações continua a girar, como os moinhos de vento de Dom Quixote nas desoladas planícies da Mancha. Os moinhos fantasmais, que nada moem, continuam pelo menos desafiando a teimosia delirante dos quixotes. Enquanto isso, as teorias que atravancam o caminho das Ciências, como observou Richet, continuam a torturar as legiões de infelizes, submetidos a choques elétricos e químicos nos hospitais e nas clínicas do sem fim.

Nem mesmo as descobertas atuais de uma ciência universitária, a Parapsicologia, em acentuado desenvolvimento nos maiores centros universitários do mundo, conseguiram abalar o comodismo dos que se apoiam nas teorias proteladoras. Protelase a angústia, o desespero, a tortura de milhões de criaturas, em defesa de métodos, princípios e esquemas já rompidos no próprio campo da Física, por medo de palavras e preconceitos do mundo científico, gerados em fase de transição já há muito superadas. A era dos vampiros fantasiosos já passou há muito, mas a do Vampirismo, nascida nos fins do século passado, com as descobertas científicas de Crookes, Richet, Schrenk-Notzing, Kardec, Zöllner e tantos outros – todos homens de Ciência, professores – catedráticos de grandes Universidades, apenas se esboça em nossos dias. Mas a leviandade humana, mesmo a dos homens mais sérios e dedicados ao labor científico, sustenta ainda as prevenções do passado, sem coragem de avançar no campo minado das superstições, como se a função primária das Ciências não fosse precisamente a de romper com elas.

O Vampirismo atual não se nutre de lendas assustadoras, mas de realidades positivas do campo do Psiquismo, que exigem esclarecimentos. As Ciências do Paranormal nasceram da pesquisa científica dos fenômenos psicofísicos. Onde há fenômenos tangíveis, susceptíveis de repetições e, portanto de pesquisas sob controle estatístico, a Ciência tem obrigação de penetrar com os seus instrumentos de comprovação. Os homens de formação científica, mormente os que se dedicam às profissões terapêuticas, não podem furtar-se a esse dever sem cair na violação da ética profissional e da traição aos princípios humanistas. Essa

dupla prevaricação põe hoje o sinal de Caim na frente de todos os que vivem nas teorias atravancadoras. As multidões de suas vítimas, que se contam por gerações inteiras, clamam contra essa perfídia no presente e fazem ecoar o seu clamor desesperado nas distâncias do futuro. Os psicoterapeutas atuais, na sua quase unanimidade, passarão à História como torturadores e exploradores das gerações sacrificadas.

Não fazemos uma acusação, registramos um fato.

A prova científica da existência da telepatia, da clarividência, da precognição, da sobrevivência da mente após a morte corporal (Rhine, Carington, Soal, Price, nas Universidades de Duke, Cambridge, Oxford, Londres, Berlim, Kirov e outras) não deixa dúvidas quanto à realidade da ação de entidades psicofísicas sobre as criaturas humanas. Rhine provou que a mente não é física, mas de constituição extrafísica. Carington reforçou essa prova e formulou a teoria das entidades psicônicas, formadas de psícons (átomos mentais). Soal designou com a sigla SHI a personalidade humana sobrevivente. Vasiliev, na URSS, entregou-se a experiências para demonstrar que o pensamento e a mente são materiais, mas acabou confessando a sua derrota. Louise Rhine aplicou-se a pesquisas de campo (fora dos métodos de laboratório) e comprovou o que o marido provara em laboratório. John Herenwald pesquisou e publicou seus trabalhos sobre as influências telepáticas nas relações interpessoais. O caminho foi desbastado por esses e outros cientistas atuais, que derrubaram as estacas atravancadoras, mas os negadores continuaram a negar, à margem das exigências científicas.

Remy Chauvin, do Instituto de Altos Estudos, de Paris, chamou os renitentes de “alérgicos ao futuro”, mas os psicoterapeutas não se arredaram de suas teorias e seus métodos de tortura.

No entanto, o *psychic-boom*, a explosão psíquica no mundo prosseguiu no seu desenvolvimento. E graças ao alheamento dos psicoterapeutas de formação universitária, que se alimentaram em seus cursos com o leite das Ciências, surgiram por toda parte os charlatões exploradores da credulidade pública e do desespero do século, com suas clínicas pseudoparapsicológicas, devastando a economia dos ingênuos.

Esse panorama desolador exige de todos nós, que não participamos desse comércio escuso e aviltante, o esclarecimento do problema, com base nos estudos e nas pesquisas desinteressadas de anos a fio, na comprovação diuturna da verdade através dos fatos.

Os fenômenos paranormais revelam a natureza extrafísica do homem, o que vale dizer a sua essência espiritual. Os pesquisadores da Universidade de Kirov deslumbraram-se com a visão do que chamaram de corpo-bioplásmico do homem, luminoso e cintilante. Constituído por um plasma físico, sua matéria é rutilante. Verificaram, na observação pelas câmaras kirlian de fotografias paranormais, que o corpo do moribundo só se cada-verizava quando todos os elementos do corpo-bioplásmico se retiravam. Nas pessoas vivas constataram que esse corpo de plasma dirige todas as funções do corpo carnal e age nas manifestações paranormais através de projeções de pseudópodes que podem movimentar objetos à distância. Verificaram ainda a possibilidade de prevenção de doenças no corpo carnal. Tudo isso demonstra que o chamado corpo-bioplásmico do homem não é mais do que o corpo espiritual da tradição cristã, que o apóstolo Paulo chamou, na I Epístola aos Coríntios, de corpo da ressurreição. Essas descrições coincidem com o que Kardec chamou de perispírito, envoltório do espírito que liga o corpo carnal ao espírito, ou alma. A teoria kardeciana do homem tríplice – Espírito, Perispírito e Corpo Carnal – foi confirmada pelos cientistas materialistas de Kirov, que não a conheciam e não tinham nenhum interesse por uma conclusão favorável à sobrevivência do homem, que, segundo o Marxismo, deve desaparecer no túmulo para sempre.

Percebendo o risco a que se expunham os cientistas apegam-se ao que de matéria lhes restava: o plasma físico. Mas no próprio plasma, considerado o quarto estado da matéria e formado de partículas atômicas, encontraram partículas de natureza indefinida. Com a teoria espírita, que considera o perispírito como um organismo semimaterial, constituído de energias físicas e extrafísicas, Kardec antecipara de mais de um século a sensacional descoberta dos cientistas de Kirov. Ressalta de tudo isso a

concepção necessária do homem como espírito. A descoberta da antimatéria e da interpenetração dos mundos físicos e não-físicos explicou também, necessariamente, a convivência de espíritos e homens corpóreos num mesmo espaço, mas em diferentes dimensões da realidade.

As pesquisas sobre a reencarnação, implantadas na Universidade de Moscou pelo Prof. Wladimir Raikov, propagaram-se nas demais universidades soviéticas. Sendo os espíritos nada mais que os homens desencarnados, é fácil compreender-se que as relações possíveis entre homens e espíritos, no campo afetivo e mental, permitem as ligações de espíritos viciados com homens de tendências viciosas. Esse o novo tipo de vampirismo que surgiu das pesquisas espíritas em meados do século XIX. Os problemas da perversão sexual, do alcoolismo, dos tóxicos e das tendências criminosas entram assim numa nova perspectiva, escapando ao círculo fechado da hereditariedade biológica, dos processos endógenos para a abertura dos processos exógenos. As pesquisas de Kardec nesse sentido foram decisivas. O tratamento desses casos tornou-se mais seguro, confirmando-se a teoria pelos fatos de cura, particularmente dos casos considerados incuráveis. Posteriormente, os resultados obtidos nos Centros Espíritas, e em muitos hospitais espíritas, deram de sobejo a plena confirmação dessa descoberta ao mesmo tempo assustadora e consoladora.

Vencidas as barreiras das superstições populares e da dogmática igrejeira, das imposições clericais da fé cega, da suposta infalibilidade das Escrituras Sagradas, a verdade surgia nua e pura do fundo sombrio do poço para a claridade meridiana da certeza científica. Não há mais dúvidas possíveis no tocante à existência de relações constantes e naturais, de ordem telepática, entre os dois planos interpenetrados da vida humana: o dos homens e o dos espíritos. As teorias proteladoras – carregadas de preconceitos e precipitações, as duras barreiras do conhecimento indicadas por Descartes ao mundo científico – só conseguem hoje agrupar em seu favor os cientistas hipnotizados pela obsessão materialista ou pelo fanatismo religioso. O racionalismo frio das Ciências Materiais fundiu-se ao calor humano das Ciências

do Espírito. A metodologia mecanicista cedeu lugar a novas formas metodológicas de pesquisa, baseadas na adequação do método ao objeto, ante a evidência do rompimento dos conceitos tridimensionais da realidade objetiva. Novas dimensões do real surgiram do reconhecimento da multidimensionalidade das constituições atômicas e subatômicas da realidade intangível dos elementos e da natureza humana em sua essência invisível. Remontando do efeito à causa, as Ciências fragmentárias se unificaram nos fundamentos conjugados da causa única de todos os efeitos.

Parasitas e vampiros

A economia da Natureza nos revela a unidade funcional de todos os processos vitais. A Natureza, em sua infinita variedade de coisas e seres, não esbanja energias e formas, conteúdos e continentes, em suas estruturas. Do reino vegetal ao reino animal o processo criador é uno, obrigando-nos a uma concepção monista do Universo. A Fisiologia da Natureza, segundo a lei da diferenciação na unidade, mostra-se estruturada e funcionalizada, pelos mesmos sistemas adaptados a cada reino. Da seiva do vegetal ao sangue dos animais e do homem, das estruturas óticas inferiores às superiores, a organização é a mesma. Dos sistemas de motilidade e percepção e de alimentação e assimilação das plantas ao homem o sistema de funcionalidade só varia no tocante às adaptações específicas. Da mesma maneira e pela mesma razão, o parasitismo vegetal se desenvolve na direção do parasitismo animal e do vampirismo hominal-espiritual. E assim como o parasitismo influi no desenvolvimento das plantas e no comportamento dos animais, o vampirismo influi no comportamento humano individual e social. Entre os vários elementos, coisas e seres que agem sobre o comportamento humano, o mais perturbador e o que mais profundamente ameaça as estruturas físicas e espirituais do ser humano é o vampirismo, porque é a atuação consciente de um ser sobre o outro, para deformar-lhe os sentimentos e as ideias, conturbar-lhe a mente e levá-lo a práticas e atitudes contrárias ao seu equilíbrio orgânico e psíquico. No parasitismo, mesmo no espiritual, há uma tendência de acomodação do parasita na vítima. A lei é a mesma do parasitismo vegetal e animal. A entidade espiritual parasitária procura ajustar-se ao parasitado, na posição de uma subpersonalidade afim. Ambos vivem em sintonia, mas o parasita às custas das energias do parasitado, cujo desgaste naturalmente aumenta de maneira progressiva. Ambos ganham e perdem nessa conjugação nefasta. O parasitado sofre duplo desgaste de suas energias mentais e vitais e o parasita cai na sua dependência, perdendo a sua capacidade individual de sobrevivência e conservação. A morte do parasitado afeta o parasita, que morre sugestivamente com ele,

pois perdeu a capacidade de viver, sentir e pensar por si mesmo. Os casos de pessoas dependentes, excessivamente tímidas, desanimadas, inaptas para a vida normal, essas de que se diz “passaram pela vida, mas não viveram”, são tipicamente casos de parasitismo. As próprias condições orgânicas dessas pessoas, que não reagem devidamente aos socorros medicamentosos, à alimentação e aos estímulos do meio, de práticas espirituais ou físicas, decorrem de deficiências orgânicas, mas também da sobrecarga invisível do parasitismo espiritual. As medicações estimulantes e os tratamentos psicológicos raramente produzem os efeitos desejados. Mas a conjugação desses recursos habituais com o tratamento espiritual para a expulsão do parasita, que representa no organismo da vítima uma forma de subvida consumidora, geralmente produz efeitos surpreendentes. As causas dessa situação mórbida decorrem de processos *kármicos* originados por associações criminosas em vidas anteriores dos compar-sas. Os recursos espirituais são os passes espíritas, a frequência regular a reuniões mediúnicas, o estudo e a leitura dos livros espíritas básicos, a prática da prece individual diária pelo parasitado em favor do parasita ou parasitas.

Todas essas providências devem ser orientadas por pessoas conhecedoras do Espiritismo, despretensiosas e dotadas de bom-senso, o que permitirá o controle do processo de cura. Todas as práticas exorcistas, queima de ingredientes, queima de defumadores, aplicação ginástica de passes formalizados, uso de plantas supostamente milagrosas ou objetos de magia só poderá agravar a situação. O espírito parasitário é uma criatura humana com os direitos comuns da espécie humana e deve ser sempre encarado como parceiro dos sofrimentos do parasitado. Nesses tratamentos não se deve desprezar o concurso médico, pois os efeitos negativos do parasitismo espiritual, depauperando o organismo da vítima, propiciam também a infiltração dos parasitas do meio físico, que devem ser combatidos com os medicamentos específicos. Embora a ação espiritual das entidades protetoras possa também ajudar o reequilíbrio orgânico, a presença de um médico, se possível espírita, se faz necessária. Enganam-se os que se voltam contra a Medicina nessas ocasiões, pois as leis e os

recursos do meio físico são mais apropriados nesses casos. Cada plano da Natureza tem suas exigências específicas, que precisamos respeitar. Existem também os espíritos da Natureza, que trabalham no plano físico. Essas entidades semimateriais, de corpos perispíricos, estão em ascensão evolutiva para o plano hominal. São os chamados *elementares* da concepção teosófica, derivada das doutrinas espiritualistas da Índia. As funções dessas entidades na Natureza são de grande responsabilidade. O Espiritismo põe sua ênfase no estudo e na investigação dos espíritos humanos, que são os do nosso plano evolutivo, dotado de consciência e inteligência racional mais desenvolvida. Os parasitas já pertencem ao plano humano. São considerados na Teosofia e em outras correntes espiritualistas como *larvas astrais*. Na verdade não são *larvas* nem *elementares*, são entidades que necessitam da ajuda da doutrinação. Os teosofistas atribuem também as comunicações espíritas aos chamados *cascões astrais*, que são para eles invólucros espirituais, perispíritos abandonados pelos mortos e de que se servem os *elementares* ou espíritos brincalhões para se manifestarem nas sessões mediúnicas como sendo os espíritos desses mortos. A teoria dos *cascões* foi criada por Mme. Blavatski, após uma sessão mediúnica que assistiu em New York. O Sr. Sinet declara em seu livro *Incidentes da Vida da Sra. Blavatski* que ela cometeu então um engano de observação, ao qual nunca mais se referiu. Sinet, teósofo de projeção e companheiro de Blavatski, discorda dos teosofistas que continuaram a aceitar essa falsa teoria. André Luiz refere-se a *ovóides*, espíritos que perderam o seu corpo espiritual e se veem fechados em si mesmos, envoltos numa espécie de membrana. Isso lembra a teoria de Sartre sobre o *em-si*, forma anterior do ser espiritual, que a rompe ao se projetar na existência por necessidade de comunicação. A ação vampíresca desses *ovóides* é aceita por muitos espíritas amantes de novidades. Mas essa novidade não tem condições científicas nem respaldo metodológico para ser integrada na doutrina. Não passa de uma informação isolada de um espírito. Nenhuma pesquisa séria, por pesquisadores competentes, provou a realidade dessa teoria. Não basta o conceito do médium para validá-la. As exigências doutrinárias são muito mais rigorosas no tocante à aceitação de novidades. O Espiritis-

mo estaria sujeito à mais completa deformação, se os espíritas se entregassem ao delírio dos caçadores de novidades. André Luiz manifesta-se como um neófito empolgado pela doutrina, empregando às vezes termos que destoam da terminologia doutrinária e conceitos que nem sempre se ajustam aos princípios espíritas. A ampla liberdade que o Espiritismo faculta aos adeptos tem os seus limites rigorosamente fixados na metodologia kardeciana.

No caso do parasitismo e do vampirismo, todo rigor é pouco, pois os erros e os enganos de interpretação podem levar os trabalhos de cura a descaminhos perigosos.

Se não encararmos o parasitismo e o vampirismo em termos rigorosamente doutrinários, no devido respeito ao método kardeciano, estaremos sujeitos a ser enganados por espíritos mistificadores que passarão a nos vampirizar. Porque o vampirismo é um fenômeno típico das relações interpessoais. Na vida material como na vida espiritual o vampirismo é um processo comum e universal do relacionamento afetivo e mental das criaturas. É vampiro o sacerdote que fanatiza um crente e o submete às suas exigências para explorá-lo com a promessa do Céu, como é vampiro o demagogo político que fascina os adeptos de suas ideias e os leva ao sacrifício inútil e brutal da revolta e do terrorismo. É vampiro o espírita ou o médium que fascina os ingênuos com a falsificação de poderes que não possui, revelando-lhes supostas reencarnações deslumbrantes e conduzindo-os ao delírio das suas ambições de grandeza. É vampiro o negociista esperto que suga as economias de seus clientes com falsas promessas para um futuro improvável. É vampiro o galanteador donjuanesco que se apossa da afeição das mulheres inseguras para explorá-las. É vampiro o alcoólatra ou o toxicômano que semeia desgraça em seu redor. É vampiro o espírito sagaz ou vingativo que suga as energias das criaturas humanas e subjuga outros espíritos para agir na conquista e dominação de outras, e assim por diante, na imensa e variada pauta do vampirismo material e espiritual.

Por tudo isso, a cura do vampirismo não é mais do que um processo de separação dos implicados, de afastamento do vampiro da órbita de sua vítima. Mas não basta esse primeiro passo. É

necessária a persuasão dos implicados pela doutrinação espírita. A doutrinação é a transmissão do conhecimento doutrinário às duas partes. Sem essa transmissão o processo não se completa e a cura será apenas uma suspensão do vampirismo por algum tempo. Como ensinou Jesus (e vemos nos Evangelhos) podemos afastar os valentões que se apossaram da casa, limpá-la e arrumá-la. Mas se ela ficar vazia os valentões convidarão outros parceiros e a retomarão. Nesse caso, o estado da habitação será pior do que antes. Conforme o grau de compromissos e responsabilidades mútuas entre os vampiros e suas vítimas, o tratamento será mais ou menos prolongado. Os vampiros são teimosos, insistentes, pois o vampirismo é para eles o meio de se manterem na rotina de seus vícios. A vítima, por sua vez, está sovada no vampirismo e acostumada na entrega de si mesma sem relutância. A frequência regular da vítima aos passes e às sessões mediúnicas é o único meio possível de fortalecê-la para a resistência necessária. Não nos iludamos com as melhoras instantâneas. Os vampiros não largam facilmente as suas vítimas. Afastam-se estrategicamente e voltam com mais fúria na primeira oportunidade favorável. É necessário que as vítimas curadas estejam convencidas disso e preparadas para repeli-los em suas investidas manhosas. Apesar dessas dificuldades, em trabalhos bem dirigidos conseguem-se não raro resultados relativamente rápidos, que permitem maiores possibilidades na consolidação da cura.

A falência da Psiquiatria, com todos os seus métodos modernos, decorre da falta de consideração desses fatores espirituais nos diversos tipos de perturbações mentais e desequilíbrios emocionais. Impotentes ante os casos mais graves, como os de inversões e desvios sexuais, os psiquiatras mais atualizados adotaram uma tática de persuasão protelatória, considerando normais essas anormalidades. Consideram perigosa a resistência aos impulsos inferiores da libido, alegando que a repressão resulta em complexos irreversíveis. Os psiquiatras espíritas, que hoje felizmente já são numerosos, não podem aceitar essa tática de capitulação, que os transformaria em cúmplices das entidades vampirescas. Eles estão no dever indeclinável, profissional e

consciencial, de se organizarem em associações de pesquisas, fundamentadas na Ciência Espírita e na Psiquiatria, para o enfrentamento necessário desses meios de abastardamento da espécie.

A sexualidade é o fundamento da vida e o sexo é a sua forma de manifestação. Os psiquiatras ingênuos ou ignorantes brincam hoje com fogo em seus consultórios e suas clínicas e estão incendiando o mundo. Partem para o sofisma em defesa própria, alegando a impossibilidade de se caracterizar o que é normal e o que é anormal. Com isso pretendem declarar normais as anormalidades mais aviltantes. Mas a normalidade se define por si mesma no meio social. O sexo masculino define a personalidade normal do homem nas suas funções criadoras. O sexo feminino define a personalidade normal da mulher. Confundir alhos com bugalhos é tática de negociantes fraudulentos e inescrupulosos. Dizer a um adolescente que se sente dominado por impulsos negativos e procura livrar-se deles: “Isso é normal, arranje um parceiro”, é atirar o infeliz na roda viva de um futuro vergonhoso. Não é essa a função do médico ante o doente que o procura. Já existem consultórios e clínicas dotadas de leitos ocultos, para os quais são convidadas consulentes desesperadas para uma terapêutica libertina. O médico, no caso, receita-se a si mesmo como medicamento salvador. A chamada terapia de grupo se transforma em gigolismo científico, em que mulheres desnorreadas são apresentadas pelos médicos a homens insatisfeitos que podem adornar a frente dos maridos com base no receituário.

Contou-nos um médico espiritualista uma anedota que afirmou não ser anedota: “O Sr. B., importante figura social, tinha o hábito de pegar pontas de cigarro nas ruas e encher com elas os bolsos. O psiquiatra que consultou submeteu-o a tratamento moderníssimo. Encontrando-o mais tarde, o médico espiritualista perguntou se havia se curado. Sim, respondeu o figurão empavonado. Continuo a pegar as pontas de cigarro, mas agora não tenho nenhum constrangimento. Faço-o com naturalidade”. As técnicas psiquiátricas mais modernas, como se vê, procedem da remota fase grega dos sofistas, dos quais Sócrates se desligou para poder encontra a Verdade.

O homem pela metade

A percepção espiritual que o homem tem de si mesmo, inata e natural, desenvolveu-se nas civilizações da Antiguidade, a partir do ciclo das civilizações agrárias e pastoris, num sentido global. O homem sentia e intuía a totalidade de sua natureza. Por isso, não houve em parte alguma nenhum tipo de filosofia materialista. A concepção materialista do homem apareceu tardiamente, como decorrência do seu desenvolvimento mental e do aguçamento da sua curiosidade.

As filosofias antigas atualmente designadas como materialistas ou precursoras do materialismo – mesmo nos tempos mais recentes do pensamento grego – fundavam-se em princípios espirituais e tendiam para explicações teológicas. A presença de Deus é constante em toda a Antiguidade, desde as selvas até às civilizações teocráticas.

Na Idade Média tivemos o encerramento do último ciclo da evolução das civilizações antigas. Nela se resolveu o processo dialético da evolução mundial, na confluência das conquistas ocidentais e orientais, para a síntese do Caldeirão de Dilthey, em que, segundo a conhecida tese desse filósofo, as concepções filosóficas e a mundividência de gregos, judeus e romanos se fundiam – na lenta elaboração do Milênio – para que pudesse surgir o mundo moderno, através do Renascimento europeu. Renasciam na Europa as principais conquistas espirituais das antigas civilizações. O Racionalismo grego dirigia as correntes em fusão à busca do real. A nova civilização opunha-se ao Espiritualismo fantasioso da Antiguidade e às idealizações do platonismo, interessando-se pelo objetivismo aristotélico e suas tentativas de conhecimento material do mundo, das coisas e dos seres. Só então se criava o ambiente propício ao desenvolvimento das formas de interpretação materialista.

Essa guinada, necessária e produtiva, da mente para os problemas terrenos libertava e aguçava a curiosidade humana pelos mistérios da Natureza, até então envoltos nas especulações mentais e nas fabulações da afetividade anímica. Durante o

milênio medieval a razão se desenvolvera e aprimorara, despondo em René Descartes e Francis Bacon para os avanços metodológicos da pesquisa científica. O teólogo dissidente Abelardo aparece nesse contexto como o precursor de Descartes. Sua revolta lhe custou caro, mas seu livro *Sic et Non* e seu famoso caso com Heloisa abalaram para sempre os fundamentos do mundo antigo. Em vão a Igreja lutaria para manter o seu domínio absoluto. A síntese que abriria os novos tempos estava impulsionada pelas forças da evolução e do processo histórico. Nada poderia deter o seu desenvolvimento.

Como em todos os momentos de transição, o mundo se transformou num pandemônio e os espíritos mais vigorosos, portanto mais rebeldes, voltaram-se contra a dogmática eclesiástica, proclamaram o advento da Razão e negaram o conceito espiritual do homem, cortando-o pela metade. Palavras como *espírito* e *alma* foram consideradas como resíduos de um passado de fábulas e ignorância. Nos embates que se sucederam, com o desenvolvimento científico e a revelação progressiva dos antigos arcanos da Natureza, as Ciências herdaram para o seu estudo e a sua pesquisa apenas a metade do homem. A outra metade foi posta de lado como artigo de museu, válida apenas para o vulgo inculto. Foi com verdadeira euforia que os homens se viram livres das responsabilidades de uma vida que não se extingue no túmulo. E os cientistas em geral se ufanaram de haver descoberto que não passam de cinza e pó.

Os métodos de pesquisa científica se desenvolveram no plano sensorial, pois só o que era visível e palpável podia ser considerado como real. Fundou-se assim a Civilização Mundial do tato, apoiada na tecnologia das máquinas que até então não captavam fantasias ou fantasmas. Relegado ao cesto de papéis velhos, o homem espiritual (nada menos de metade do homem real) não merecia atenção dos sábios. Augusto Comte rejeitou a Psicologia, Pavlov e Watson descobriram a psicologia sem alma (uma ciência sem objeto), Marx e Engels fundaram o Materialismo Científico. E Sartre, até hoje, acompanhado pela decadente figura de René Sudre, proclama a glória da nadificação do homem. Os cientistas como Crookes, Richet, Zöllner, Gibier, Osty,

Geley, que se atreveram a provar a realidade do espírito, foram considerados ingênuos ou amalucados. Morselli, para salvar esses colegas, criou a atordoante novidade do Espiritismo sem espíritos. Só faltou criar-se a Humanidade sem homens, o que ficou reservado para os nossos dias, com a descoberta *maravilhosa* da bomba de nêutrons.

No plano religioso aconteceu o mais surpreendente dos fenômenos. Os teólogos cristãos proclamaram a morte de Deus, baseados no testemunho do Louco de Nietzsche, e fundaram o Cristianismo ateu.

Diante desse panorama de loucuras científicas era natural que a Psicologia sem alma gerasse uma filha também desalmada: a Psiquiatria da Libertinagem, que deu a mão à Toxicomania e saiu com ela para incentivar os homens no gozo da vida sem compromissos nem responsabilidades.

No mito grego os andrógynos eram duplos, fortes e velozes. Tentaram escalar o Olímpio para se fazerem deuses, mas Zeus os cortou pelo meio e devolveu-os mutilados ao rés-do-chão. Esse homem mutilado povoou a Terra e foi ele que os cientistas mutilaram de novo, reduzindo-o a apenas um quarto do homem original. Não é de admirar que esse homúnculo atual – recalcado, vaidoso e insolente como aquele *pedacinho de fermento do Lobo do Mar* de Jack London – esteja agora explodindo na angústia e nos delírios da sua impotência. Perdendo a sua metade espiritual, entraram na crise de histerismo coletivo, fascinados unicamente pelas forças magnéticas do sexo e arrastados a todos os desvarios de uma esquizofrenia catatônica. A cegueira materialista completa esse mórbido. E vampiros e parasitas nada mais fazem do que atender aos chamados da carne sem alma que estertora na angústia existencial. Só há um remédio para o doente sem esperanças: a volta ao espírito. Enquanto, como ensina Hubert, o homem não compreender que é espírito e tem de viver como espírito e não como os *animais-máquinas* de Descartes, não haverá mais tranquilidade e esperança na Terra, que deixou de ser a *Terra dos Homens* de Saint-Exupéry para se transformar no domínio alucinado dos vampiros. O ciclo infernal se define assim: os homens

vampirizados morrem, se transformam em vampiros para vampirizar os que nascem.

A concepção materialista do homem reduz a Humanidade a uma espécie animal sem perspectivas. A vida, os sonhos, os anseios humanos se transformam em miragens e alucinações sem sentido. Se houvesse apenas uma justificativa lógica para essa concepção ainda se poderia aceitar o curso intensivo dessa moeda falsa no mercado mundial das ilusões. As miragens do deserto ainda podem ser explicadas pelos fenômenos de refração da luz, mas essa miragem conceptual não se justifica por refração ótica ou mental, nem por refração histórica, nem por pesquisas antropológicas ou psicológicas. Toda a História humana se assenta, em toda parte, na intuição universal da natureza espiritual do homem. A novidade materialista do Século XIII brotou de vários equívocos na luta contra os absurdos e os desmandos da Igreja, baseados na ideia de poderes divinos supostamente concedidos aos clérigos através de rituais de origem selvagem. A raiz do materialismo é o tacape do cacique, seco e morto, do qual só poderia brotar as cobras do bordão de Moisés na sala do faraó.

Historicamente o materialismo nasceu do sofisma, que é uma negação com a verdade, de que se serviram os sofistas gregos para negar a possibilidade do conhecimento real. O Materialismo Científico vale historicamente pela sua reivindicação social, mas o erro fatal da inversão da Dialética de Hegel o coloca hoje em posição filosófica retrógrada. Falta-lhe a luz do espírito e quando esta aparece, acesa por mãos piedosas, ele a apaga às pressas. Não pode suportá-la, como aconteceu recentemente na Universidade de Kirov, com a incômoda descoberta do corpo espiritual do homem pelos cientistas soviéticos.

É curioso como estamos ainda, apesar do acelerado desenvolvimento científico do nosso tempo, apegados ao método dedutivo-empirista do longo passado humano. Os métodos da investigação tecnológica servem-nos para descobertas surpreendentes nas pesquisas fragmentárias da realidade exterior, mas no tocante aos problemas da essência e da natureza humana não avançamos um passo além da imaginação. Nosso barco mental encalhou nas águas turvas das ideias feitas e das deduções precipitadas do

processo teológico. O misticismo dos crentes religiosos transformou-se, na Era Científica, numa forma espúria da mitologia de Bacon, fundada na idolatria suposta das soluções mentais. Continuamos apegados aos ídolos do pensamento baconiano. Imantados a preconceitos de milênios, precipitamo-nos em conclusões envelhecidas, sem o menor respeito pelo método cartesiano. Modelamos a nossa imagem na rocha, com o cinzel de Miguel Ângelo e, como ele, queremos forçar essa imagem a falar. Não acreditamos na evidência da Física, com medo de nos volatilizarmos na realidade atômica que nos revela a inconsistência da carne, de suas formas desgastantes e mortais. Consideramos a Física válida para as coisas mais duras do que nós, mas mantemos intacta a imagem do homem carnal. Tememos a nossa própria dispersão no espaço e queremos nos esconder nas furnas de Bacon. Descartes, o espadachim atrevido, nos apavora mais do que as explosões atômicas. Voamos para a Lua envoltos em escafandros de segurança e voltamos das viagens espaciais assustados e agarrados às ideias esquemáticas dos teólogos medievais, como aconteceu com os astronautas americanos. O instinto de conservação animal predomina sobre a razão científica e nos tornamos místicos como os frades autoflageladores. As usinas americanas de produção de seitas religiosas em série funcionam no ritmo acelerado do medo, aumentando assustadoramente a capacidade de exportação de pastores americanos para todo o mundo.

Os astronautas soviéticos, materialistas, voltam do espaço sideral alardeando que Deus não existe porque eles não o encontraram nos subúrbios orbitais do planeta. Repetiram, em escala cósmica, as bravatas infantis dos cirurgiões do século XVIII que se vangloriavam de jamais haverem encontrado a alma na ponta de seus bisturis. Os séculos passam, o conhecimento avança, mas as orelhas de Midas continuam plantadas na Terra. Até mesmo um filósofo como Bertrand Russel, inegavelmente lúcido, escorrega na lógica declarando que, apesar dos estragos feitos no conceito de matéria, a verdade é que as leis físicas continuam a vigorar. A hipnose materialista entorpece os cérebros. Por outro lado, o apego do homem ao corpo material perecível – alimento

dos vermes – não deixa os mais ilustrados materialistas, inimigos ferrenhos de Deus, perceberem que, com esse apego, prestam homenagem ao suposto inimigo nessa teimosa idolatria da carne. Combatem o Criador, mas não querem sair do aprisco de suas criações efêmeras.

Em seu livro *Os Estranhos Fenômenos da Psique Humana* Vasiliev nos oferece uma nova imagem de Prometeu acorrentado às rochas do Cáucaso, tendo seu fígado devorado pelos abutres. É a imagem trágica de um Prometeu às avessas, que não roubou o fogo do céu, em que não acredita, mas luta desesperadamente para manter aceso o fogo terreno de Vesta, depois que as próprias vestais do materialismo o apagaram. O notável cientista soviético faz-se campeão do ilogismo para virar no avesso as mais recentes e indisfarçáveis conquistas espiritualistas das Ciências. Vigiado pelo Leviatã do Estado, gasta a sua inteligência e o seu saber transitório debatendo-se inutilmente na luta contra a verdade eterna da natureza espiritual do homem. Como Bertrand Russel, não percebe que as leis físicas descobertas pelas pesquisas científicas não são mais do que os fundamentos da realidade material gerada e sustentada pelo poder do criador do espírito. Essas leis não fazem parte da concepção materialista, mas da estrutura da Realidade Total em que a matéria se insere no plano sensorial ilusório. Bertrand, Vasiliev e René Sudre – essa comadre fofoqueira e centenária da batalha contra o espírito – não perceberam ainda que suas unhas, seus cabelos e seus olhos não são o que eles veem e sentem, mas plasmas atômicos, nevoeiros plásmicos condensados pelo condicionamento dos nossos sentidos, nas formas de percepção ilusória da realidade-real, que só agora estamos descobrindo.

O homem pela metade, essa visão parcial do homem que hoje possuímos, é simplesmente um animal dotado de instintos, entre os quais avulta o de reprodução da espécie. O psiquismo humano não existe, é fisiológico e não psíquico. Daí a falência da Psicologia Terapêutica e especialmente da Psiquiatria Libertina. Por isso, os psiquiatras honestos apegam-se hoje aos recursos do Espiritismo – a Ciência do Espírito, fundada por Kardec –, a única ciência real, baseada na pesquisa dos fenômenos, capaz de

completar a nossa visão do homem de maneira positiva. Só um psiquiatra dotado de recursos espíritas pode enfrentar com eficácia os estranhos fenômenos da psique humana que aturdem os especialistas mais experientes.

Comportamento humano

O comportamento humano depende de muitos fatores que tentaremos alinhar no quadro abaixo:

- 1 – o grau de evolução do ser em sentido geral;
- 2 – as diferenciações de graus evolutivos, em cada ser, nas diferentes áreas das faculdades humanas; exemplo: inteligência, moralidade, afetividade, acuidade, responsabilidade, sensibilidade, idealidade, praticidade, integralidade (no sentido de integração na realidade), materialidade e espiritualidade;
- 3 – hereditariedade genética;
- 4 – heranças de encarnações anteriores;
- 5 – condições da encarnação atual (meio em que nasceu e cresceu, educação, profissão, etc);
- 6 – enfermidades atuais, situações financeiras difíceis ou boas, vícios adquiridos e assim por diante.

Nesse quadro, apenas esboçado, podemos ver como é variado o quadro determinante do comportamento humano, tornando-se difícil à elaboração de um esquema, universalmente aplicável. Desse fato se valem os corifeus da Psicologia e da Psiquiatria Libertinas para contestarem os padrões de normalidade do comportamento humano e incluírem nas faixas de normalidade os processos anormais verificados na História das Civilizações e considerados, em épocas pregressas, como normais. Alegando a impossibilidade de uma classificação precisa do normal e do anormal, conseguem impressionar as criaturas ingênuas ou desprevenidas, que acabam se conformando com as suas anormalidades, entregando-se às garras insaciáveis do parasitismo ou do vampirismo. Vidas que poderiam ser nobres, dignas, proveitosas, tornam-se vergonhosas e inúteis, e o que é pior, servindo apenas de exemplos negativos, estimulantes de capitulações desastrosas. Famílias inteiras são às vezes afetadas por esses desastres morais de profunda repercussão.

O homossexualismo, nos dois sexos, por sua intensidade nas civilizações antigas e sua revivescência brutal em nosso tempo, é a mais grave dessas anormalidades que hoje se pretende declarar normais. E é precisamente nesse campo, o mais visado pelo vampirismo – desde os *incubus e súcubus* da Idade Média até os nossos dias –, que incidem hoje os destemperos criminosos dos libertinos diplomados.

A própria palavra *normal*, tendo vários sentidos, oferece margem a interpretações ambíguas. Mas no plano cultural não se justifica a extensão da ambiguidade comum do linguajar popular aos conceitos filosóficos e científicos claramente definidos. Examinando o termo em seus vários significados, a partir das origens latinas, os filósofos definiram a palavra *normal* como designativa de ocorrências naturais e habituais numa determinada espécie ao longo das civilizações. Vindo de *norma*, o adjetivo normal significa regra, modelo, e é assim aplicado em todas as línguas. Durkheim lhe deu maior precisão ao lembrar que só se torna normal o que é bom e justo.

Há dois critérios seguros para se definir a normalidade dos fatos: o quantitativo, que se funda estatisticamente na maioria, e o qualitativo, que se baseia na qualidade ou valor dos fatos dentro de um contexto determinado. Através desse conceito chegamos à equivalência do normal com o natural, ao que corresponde às exigências naturais e, portanto necessárias das coisas e dos fatos no tocante a uma espécie ou ao conjunto das várias espécies em determinado plano.

Em todas as espécies: minerais, vegetais, animais, com plena consciência, na espécie humana o critério teleológico, referente à finalidade, o normal é o que se enquadra na definição de Durkheim; ou seja, o que é bom e justo. O bom e o justo correspondem a finalidades claras e evidentes. A finalidade genética do sexo define de maneira irrevogável a sua normalidade. Toda prática sexual que não corresponda à sua finalidade ao mesmo tempo equilibradora, produtora e reprodutora do organismo humano é anormal, acusando disfunções e desvios mórbidos no indivíduo e no grupo social. Qualquer justificativa dessas anormalidades não passa de sofisma atentatório da própria existência

da espécie. O crime cometido pelos que se utilizam desses sofismas para disfarçar a sua incapacidade profissional é o de traição à verdade, à ética profissional e individual, à moral social, à dignidade humana, às exigências da consciência, culminando, por sua extensão à humanidade, no crime de genocídio.

Não estamos exagerando, os desvarios recentes de um psiquiatra levou-o a considerar a prática homossexual como possível meio de controle da natalidade. A nação que aceitasse essa tese estaria cometendo o crime de aviltamento de si mesma, de condenação sumária de seus cidadãos à desvirilização e à indignidade mais abjeta. Todos os valores humanos seriam reduzidos à lama dos chiqueiros, ante os homens transformados em porcos pela Circe moderna da Psiquiatria dementada. A varinha mágica da Circe de Ulisses, no poema homérico, seria transformada na bomba de nêutrons do genocídio covarde dos físicos inconscientes desta hora amarga do mundo.

O comportamento humano foi profundamente abalado e em grande parte subvertido pelas rápidas transformações deste século em todos os setores vitais, mas os fundamentos conscienciais desse comportamento não se abalaram nem se subverteram. A consciência humana define o humano, é ela que caracteriza o homem como poder e como ser. Ela, portanto, e só ela, sustenta e garante a uniformidade do comportamento humano básico em todo o planeta. As variações decorrentes de condições raciais, de tradições, de estruturas políticas, sociais e econômicas são apenas de superestruturas, praticamente superficiais. O gangster, a prostituta, o ladrão, o assassino profissional, o homem de bem e o santo possuem todos o mesmo tipo de consciência e por isso são sempre reconhecidos, em toda parte, como seres humanos. Um homem cruel e um homem santo são ambos homens, com os mesmos direitos e os mesmos deveres. O comportamento de ambos é profundamente diverso, mas a sua essência é a mesma. No santo existe a tendência ao bem e no cruel a tendência ao mal. E ambos estão sujeitos a se transformarem no contrário, às vezes por motivos insignificantes, que não justificam a mudança. Mal e bem são potências do espírito que podem passar a ato, desenvolver-se, atualizar-se. O segredo da conversão e da rever-

são dorme nos recessos do inconsciente, nesse arquivo submerso das experiências anteriores em que as emoções mais intensas e os impulsos mais vigorosos esperam apenas um toque, um pequeno motivo para subirem em tumulto à tona da consciência. Essa permeabilidade assustadora, entretanto, é a garantia da liberdade, o livre-arbítrio é o tribunal da consciência, que como todos os tribunais dispõe de recursos para conter as invasões perigosas e repeli-las, mas também de fraqueza suficiente para capitular no primeiro assalto das forças deletérias. A Corte Suprema é a consciência em si, inflexível nas suas exigências e sempre pronta a castigar rigidamente os trânsfugas e os covardes. O homem honesto comete uma infração e sente imediatamente a reprovação da consciência. Se a acata e procura reequilibrar-se, recebe a ajuda dos poderes conscienciais e se firma na linha reta do comportamento bom e justo. Se logo se entrega e goza no gozo ilusório do mal, cai na lama dos instintos e sofrerá muito antes de recuperar-se. Pode perder-se por séculos e milênios, mas nunca se perderá em definitivo. Por isso Papini em *O Diabo* sustentou, para escândalo do meio católico e do Vaticano, a possibilidade da conversão do Diabo, e Teilhard de Chardin, o teólogo, afirmou que o condenado não é jamais expulso do Pleroma (O corpo místico de Deus), mas será expulso apenas para a fímbria do Pleroma, de onde um dia poderá voltar para o seu lugar vazio. A consciência não desfalece nem morre, permanece sempre vigilante e atuante. Por isso a vida do condenado se transforma em inferno, tangendo-o sem cessar para os caminhos do retorno. Os que acreditam em condenações eternas não conhecem essa mecânica divina que Pitágoras adotou na simbologia da Metempsicose. E foi também por isso que o Cristo declarou que nenhuma das suas ovelhas se perderia, nem Judas pela traição, nem Pedro pela fraqueza da negação, nem Madalena pela entrega aos delírios sensoriais.

Mas se não existe a perdição eterna, existem as formas variáveis da perdição temporal, sempre carregada de sofrimento, desespero e angústia.

Os que se perdem nos caminhos da evolução, tomados de revolta insensata e angústias profundas, desajustados na sua irredu-

tível condição humana, tentam sempre construir o seu próprio império e levar para ele os seus afetos e desafetos. A figura simbólica do Diabo, existente em todas as religiões simbologistas, representa o vampiro insaciável, sempre insatisfeito, caçando as almas de Deus para os redutos das trevas.

Mas, na verdade, o vampirismo é apenas um fenômeno de simbiose, que tanto ocorre entre os encarnados, quanto entre os desencarnados. Ante os protestos ameaçadores e escandalizantes da Igreja, que considerava a comunicação mediúnica como uma profanação dos mistérios da morte, Kardec respondia explicando que os homens são espíritos aprisionados num corpo carnal e os espíritos comunicantes são espíritos livres. Da mesma maneira – acrescentava – como um homem em liberdade pode conversar com um prisioneiro através das grades, os espíritos livres podem conversar com os espíritos detidos num corpo carnal através das grades dos sentidos. A mediunidade não é mais do que isso. Os espíritos se comunicam, de maneira natural e até mesmo habitual, servindo-se das faculdades da mente e das possibilidades de extravasamento do sensório humano.

Desde que o mundo é mundo isso acontece e não há quem não conheça esse fenômeno natural. Nessas relações interespirituais estabelecem-se relações naturais entre criaturas encarnadas e criaturas desencarnadas. A simbiose assim estabelecida se prolonga e se desenvolve no plano das afinidades. O vampirismo propriamente dito é uma relação negativa, baseada em interesses inferiores de parte a parte.

Ao morrer, o homem sai da prisão corpórea, mas não se livra de seus maus hábitos, de suas viciações, de sua maldade e assim por diante. Esses espíritos inferiores (como os homens inferiores entre nós) gostam de companhias que se afinem com as suas tendências. Um espírito de alcoólatra relaciona-se com uma pessoa do mesmo vício ou com tendências para o vício. Os espíritos de criaturas sensuais ligam-se a criaturas do mesmo tipo. O vampirismo se processa em termos de reciprocidade. O homem bebe e o espírito suga as suas emanções etílicas. Essa perigosa sociedade se prolonga às vezes por toda uma vida, pois nenhum dos dois quer perder o parceiro. Daí a necessidade da

intervenção das práticas espíritas, para a separação da dupla, livrando-se a criatura humana do assédio negativo do espírito viciado. O comportamento humano é assim afetado e modificado pelas influências vampírescas geralmente imperceptíveis para a vítima.

Os processos vampírescos abrangem as mais variadas modalidades, de acordo com as tendências humanas. O vampirismo mais perigoso é o que se passa no plano das ideias. A ligação mental se estabelece de maneira imperceptível. Pessoas demasiado sensíveis, predispostas ao fanatismo em qualquer campo, tornam-se presas fáceis de entidades do mesmo tipo, que acabam por levá-las à loucura. Manias, tiques, ojerizas, escrúpulos exagerados e ridículos, às vezes apenas levemente perceptíveis em criaturas humanas, são lentamente levadas ao máximo pela ação vampíresca. Psicólogos e psiquiatras conhecem bem o desenvolvimento desses processos, em que manias praticamente insignificantes, que não chegam a prejudicar as pessoas, transformam-se em manifestações exageradas e muitas vezes perigosas. Desconhecendo a causa, ou confinando-a numa hipótese da sistemática científico-materialista, os psicoterapeutas submetem os doentes a processos violentos de cura, sem resultados ou com os tristes resultados das deformações do comportamento do doente, que perde geralmente a sua espontaneidade e caem em estados não menos perigosos de apatia.

O Dr. Karl Wickland relata em seu livro *30 Anos Entre os Mortos* os resultados de seus trabalhos em sua clínica psiquiátrica de Chicago, servindo-se da mediunidade de sua esposa. Os relatos são minuciosos e bastante esclarecedores. Na coleção da *Revista Espírita*, de Kardec, hoje traduzida em seus doze volumes e lançada no Brasil pela Editora Edicel, de São Paulo, Kardec antecipou essa façanha de Wickland, descrevendo vários casos. O Dr. Inácio Ferreira, diretor do Hospital Espírita de Uberaba (Minas Gerais) relatou também em seu livro *Novos Rumos à Medicina* os casos tratados e fichados naquele hospital. O Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, do Rio, publicou valiosos trabalhos a respeito. Em qualquer dos 32 hospitais espíritas do

Estado de São Paulo os interessados podem obter comprovações científicas a respeito desses casos.

As pesquisas atuais da Parapsicologia, nos principais centros hospitalares e universitários do mundo, acabaram por vencer a resistência teimosa e preconceituosa dos meios científicos. O Dr. John Herenwald, em seu livro *Telepatia ou Relações Interpessoais*, relata fatos altamente significativos de tratamentos em sua clínica londrina. Herenwald se refere especialmente aos casos de influências entre pessoas vivas, nos quais se torna mais natural e mais objetivo (ao gosto do século) o processo psicodinâmico dessas influências mentais.

O desenvolvimento das pesquisas parapsicológicas na URSS levou o Dr. Wladimir Raikov, da Universidade de Moscou, a instalar nessa instituição as pesquisas parapsicológicas sobre a reencarnação, sob a legenda preventiva de “reencarnações sugestivas”, que serviu de título, mais tarde, ao famoso livro do Dr. Ian Stevenson, do Departamento de Psiquiatria da Universidade da Califórnia. Na Romênia, para esquivar-se aos atritos com o Estado e franquear a barreira dos preconceitos materialistas, os cientistas interessados no assunto mudaram o nome da Parapsicologia para Psicotrônica. Define-se, assim, o *psychic-boom* atual, a explosão psíquica no mundo, como definiu o fenômeno a Enciclopédia Britânica em seu suplemento de Ciências, como uma realidade evidente do nosso século. Os psicólogos e psiquiatras que dão de ombros a esse fato inegavelmente científico no campo de suas especialidades cometem simplesmente uma omissão perigosa, tanto para si mesmos quanto e principalmente para os seus clientes. Kardec provou em suas pesquisas, com inegável critério científico, numa linha de lógica impecável, que o comportamento humano depende não só do nosso equilíbrio, mas também das influências diversas que nos afetam, e particularmente da ação, sobre nós, das entidades invisíveis, mas perfeitamente detectáveis com as quais convivemos. Os cientistas da época, mobilizados para combatê-lo e fazê-lo calar-se – como no caso histórico da Sociedade Dialética de Londres e no caso pessoal de William Crookes, expoentes da Ciência no século XIX –, só conseguiram confirmar as suas descobertas. A Igreja

mobilizou os seus recursos poderosos para ridicularizar o investigador honesto, marginalizar a Ciência Espírita, torná-la odiada e repudiada no meio cultural, mas Kardec não recuou. Diante da sua firmeza e das provas crescentes que se acumulavam através de incessantes pesquisas, outros e numerosos cientistas o socorreram na sustentação da verdade espírita. Crivaram-no de calúnias vis, até hoje ainda usadas contra a sua memória impoluta, e a todos ele respondeu com a clareza lógica de um sábio. Ele mesmo denunciou corajosamente que a Inquisição ainda acendia suas fogueiras. Foi queimado em efígie na fogueira de suas obras em Barcelona e escreveu: “A Inquisição não passou, arrasta ainda sua cauda na Espanha”.

De toda a tremenda mobilização contra ele nada mais sobrou do que argumentações vazias, mentiras, calúnias – sem uma única contraprova arrancada, por um único cientista que fosse, de pesquisas sérias e honestas. As Ciências posteriores, como assistimos agora em nossos dias, confirmaram de maneira plena o acerto e a verdade do trabalho doloroso e irreduzível do mestre, abrindo novas perspectivas a respeito e – o que mais o honra – seguindo rigorosamente, sem intenção nem conhecimento, o esquema e os métodos por ele estabelecidos. Nenhum dos princípios da Ciência Espírita – por ele fundada e desenvolvida – nem um só desses princípios e dessas leis foi sequer abalado pelo espantoso avanço das Ciências neste século de profundas renovações. Qual o gênio da Ciência que poderíamos comparar com ele nesse sentido?

Qual a razão objetiva, cientificamente provada, em que se esteiam ainda hoje os seus adversários, no geral completamente ignorantes a respeito da Ciência Espírita? Qual a razão racional, fundada em fatos, em provas irrefutáveis, em que se apoiam hoje os contraditores gratuitos e fúteis de Kardec para o rejeitarem no meio cultural e científico? E como, diante disso, podem os psicólogos e psiquiatras, os terapeutas psíquicos de hoje, rejeitar levianamente a verdade provada para submeter seus clientes a experiências torturantes, perigosas e sem resultados?

O vampirismo aí está, aviltante, dizimando gerações no fogo de Moloc, e sacerdotes cristãos, mal formados em Teologia, essa

pretensiosa Ciência de Deus, cuja falência humana chegou ao seu fim inevitável, substituem nos serviços ao deus faminto, em substituição voluntária, os seus sacerdotes que o tempo e a História fizeram desaparecer.

Como podem falar em comportamento humano os que assim se comportam nesta hora decisiva do mundo?

Em 1935 morria Richet, entregando aos seus discípulos da Escola de Medicina de Paris o seu testamento científico: o *Tratado de Metapsíquica*, em cujas páginas iniciais presta reverente homenagem a Kardec. A imprensa trombeteou em todo o mundo que a última pá de terra sobre o corpo inerte do grande fisiologista enterrava também, para sempre, as falácias metapsíquicas e espíritas. Foi um desafogo mundial. Dali por diante, ninguém mais falaria em espíritos e fantasmas. O assunto estava morto e enterrado. Não sabiam, porém, esses festejadores da morte, que cinco anos antes, precisamente em 1930, na Universidade de Duke, nos Estados Unidos, Rhine e McDougall já haviam fundado a Parapsicologia, baseada no mesmo esquema e seguindo a mesma linha metodológica de Kardec, com os seus mesmos objetivos. Os fantasmas haviam voltado ao meio científico antes do enterro de Richet, e agora servindo-se dos recursos novos da Tecnologia. Em 1940 os maníacos de Duke proclamavam os primeiros resultados positivos de suas novas pesquisas na linha kardeciana. Hoje a Ciência Espírita desafia os cientistas na própria URSS, nas entranhas ideológicas da maior e mais poderosa fortaleza do Materialismo agonizante, que morreu asfíxiado nas mãos dos físicos, como acentuou Einstein. Tudo isso não pesa em nossa cultura sensorial e sem senso? Nada significa? Os terapeutas do psiquismo não percebem que a vergonha do caso Pasteur ameaça esmagá-los nas prensas da História, no alvorecer da Era Cósmica?

Depois das pesquisas de Bethrev e Pavlov na Rússia, puramente fisiológicas, seguidas das pesquisas com o rato no labirinto, de Watson, nos Estados Unidos, tivemos o aparecimento da Psicologia Sem-Alma, que resultou na Psicologia-Ecologia-Sociológica dos nossos dias, denunciada e criticada por Rhine. O Behaviorismo ou Comportamentismo (Psicologia do Comporta-

mento), desviava-se da alma e negava o pensamento. Foi um deus-nos-acuda e Watson, pelo menos, conseguiu enriquecer-se com as exhibições das espertezas do rato. O homem se integrava na concepção cartesiana do *animal-máquina* a que Descartes se apegava em suas lutas contra os teólogos. A felicidade ingênua, infantil, que essa psicologia proporcionava ao homem moderno, liberto dos temores do após-morte, provocou uma euforia mundial. Os fantasmas eram pura fantasia; a Física Transcendental de Friedrich Zöllner uma brincadeira de ilusionista na imanência. A Terra era o melhor dos mundos, na concepção consoladora de Pangloss. Vivia-se neste mundinho passageiro como Adão e Eva no Éden. Comia-se, bebia-se, divertia-se e morria-se para uma eternidade prazerosamente vazia. A morte era a nadificação total, absoluta, que Sartre iria proclamar. Nada de preocupações transcendentais. Viveríamos como libélulas de asas translúcidas e o corpinho leve de inseto. Viver, eis tudo o que se tinha a fazer. O comportamento humano não tinha segredos nem opções. Mas, para quebrar essa euforia de camundongos (sempre aparecem os desmancha-prazeres), surgiu em Viena um judeu nebuloso que fabricava uma alma artificial para o homem, com três peças distintas numa só alma verdadeira; o consciente, o subconsciente e o inconsciente. Sigmund Freud trazia ainda na sua ratoeira um bando de fantasmas complexos, com nomes gregos. Esse judeu acabou com a alegria infantil dos comportamentistas. Frio e analítico, atribuía todas as perturbações humanas à libido e fazia concorrência deslavada aos padres confessores, tirando a clientela dos confessionários para as poltronas e os sofás das clínicas psicanalíticas. Os ratos começaram a sumir do mercado e foram substituídos por introjeções e recalques. Descobriu-se que o homem nada mais era do que um judeu recalcado pelo moralismo desesperante dos rabinos do Templo de Jerusalém. Não se podia mais negar a alma, mas provava-se que a sua tranquilidade, bom-senso e bom comportamento dependiam exclusivamente da liberdade sexual. Estavam abertas para a Humanidade as comportas salvadoras da liberdade sexual e a população mundial começou a crescer com tal rapidez que o próprio Freud ficou assustado. A salvação agora estava nos anticoncepcionais. A talidamida começou a gerar monstros, a libertinagem dominou as

nações e o Dr. Freud passou de herói a vilão, sendo acusado de subversivo e destruidor da paz mundial.

Para reajustar o mundo conturbado Hitler descobriu que havia raças inferiores e superiores na Terra, que não pode cruzar com rato, por isso o melhor era exterminar pela guerra total as raças inferiores, entre as quais, só de raiva, incluiu a judaica. O que aconteceu depois todo mundo sabe.

Tudo isso deu muitos sáris vampiros, que haviam ficado esquecidos e podiam agir sem freios e sem serem percebidos sobre toda a massa humana.

Não se pode querer maior demonstração das incongruências do comportamento humano do que numa visão panorâmica da História Contemporânea. Pensa-se agora em construir cidades em funis de duralumínio no espaço sideral, enquanto a Astronáutica descobre caminhos para uma fuga em massa da Humanidade para Marte ou outro planeta disponível.

Qual será o nosso futuro comportamental? Há muitas hipóteses a respeito, mas ninguém pensa na possibilidade de nos comportarmos como espíritos, aqui mesmo na Terra, ajudando os vampiros a reconhecerem que também são espíritos.

Os vampiros sagrados

Quem fala em vampiro lembra-se logo de sangue. E com razão, pois é a ligação entre vampiro-morcego, sangue-sexo e morte, estruturada numa cadeia ídeo-afetiva de associação de mitos da mais remota antiguidade. As relações, tão conhecidas, estudadas e pesquisadas entre misticismo e sexo revelaram claramente a dinâmica genésica desse processo alucinante. É fácil imaginarmos o aturdimento dos homens primitivos, em suas lutas na selva, ante os mistérios e as ameaças da Natureza e a explosão de seus instintos em seu próprio corpo, desencadeando na sua mente e no seu psiquismo temporais de imagens contraditórias, fascinações, desejos e repulsas.

Nesse caos genésico ele percebia, como elementos preponderantes, o fluxo do sangue em seus ferimentos e nos ferimentos da caça, os animais sugadores de sangue, o esvair da mulher em sangue para o nascimento dos filhos e a morte produzida nos animais e nos homens pelo borbulhar do sangue ao impacto das flechas, dos tacapes ou das lanças na carne animal e humana. Na variedade caótica das coisas e seres que o envolviam ele se fechava na toca psicológica das sensações e dos dados mais próximos, que o tocavam na pele, para formar instintivamente a sua visão do mundo. A intuição da ordem natural, conjugada com o desenvolvimento do animismo antropomórfico que o projetava na realidade confusa, permitindo-lhe estruturar o caos segundo a sua própria estrutura humana, despertava em sua mente a ideia de poderes superiores e ordenadores do mundo.

As civilizações fálicas da mais remota Antigüidade, como a da Suméria, atestam a validade desses processos genésicos da espécie humana. O sexo representava o poder criador, o sangue consubstanciava o poder vital, os animais vorazes mostravam que dependiam do sangue e da carne para sobreviver, a morte do animal e do homem extinguiu o sangue e o reduzia a coágulos inertes. Desse conjunto de impressões poderosas nasceram as primeiras formas das civilizações mágicas, foi sempre o vampiro afugentado por fogo e fumaça ou evocado e louvado por fumaça

e fogo. Por isso, o raio que incendiava as florestas confirmava a existência de um Ser Supremo, agindo ostensivamente sobre a vida de todos os seres e de todas as coisas. Esse *Mago* complexo e assustador é o *Arquétipo* determinante de todo o comportamento humano, em todas as civilizações, até aos nossos dias. Dele emanam as forças que nos movimentam no palco do mundo, da dialética da vida e da morte.

Tentemos ver como ela se processa. A vida flui do sangue e a alma está no sangue, segundo a Bíblia e as mais antigas concepções do homem. O sangue é o poder que nos conserva vivos e ligados a toda a realidade vital. Vivos, pertencemos à Terra, participamos dela e nela sofremos e gozamos de todos os seus bens. Todos os males desaparecem enquanto a vida predomina em nós. Mas basta uma breve perturbação, um desequilíbrio orgânico, uma grande contrariedade, para que bens terrenos percam o valor habitual que lhes damos. Nesses momentos a criatura mais feliz, mais apegada à Terra, sente o anseio de uma vida superior e não raro percebe que vivemos como hóspedes de um mundo estranho. Bastaria isso para nos mostrar que precisamos de um condicionamento especial para a vida terrena. A hipnose dos prazeres e das satisfações efêmeras se enfraquece e voltamos os olhos para o Alto. Os freios duros da vida nos revelam a sua dureza e ansiamos pela transcendência, substituindo o apego à vida pela busca existencial. É na sucessão desses momentos que nos preparamos para a libertação das ilusões condicionantes. Se não ouvirmos o chamado das hipóstases superiores, em que voam as almas viajoras de Plotino, aceitaremos facilmente a proposição desoladora de Sartre: “O homem é uma frustração”.

Um pouco de reflexão bastaria então para vermos, de maneira clara e insofismável, o sentido dialético da vida terrena, em que o mal nos acossa para nos levar ao bem, para nos libertar das garras da angústia, impropriamente chamada existencial. Mas estamos viciados na futilidade, na satisfação dos prazeres fáceis, sentimos a saudade aguda dos chamados *momentos felizes*, da euforia dos sentidos enganadores, e, atraídos pelo passado recente, tentamos voltar às condições perdidas, ao falso Éden de onde

fomos expulsos pela ignorância de que a serpente se vale para impedir-nos de chegar, depois, à Árvore da Sabedoria. Os vampiros caem então sobre nós e nos colhem de novo em suas garras e bocas vorazes. Não obstante, não foram eles que nos conquistaram, fomos nós mesmos que nos entregamos, e a força e o poder com que eles nos dominam não são deles, mas nossos.

Vivendo no plano extrafísico, os vampiros agem sobre nós por indução mental e afetiva. Induzem-nos a fazer o que desejam e que não podem fazer por si mesmos. Podemos resistir a essas induções e fazê-los afastar-se de nosso ambiente, com a simples recusa de atendê-los. Mas se aceitamos viciosamente suas ordens, acabam por nos dominar. Assim nos tornamos seus servidores e seus comparsas, estabelecemos com eles fortes vínculos afetivos e sensoriais ou mentais. Quanto mais os obedecemos, mais submissos nos tornamos. Os vampirizados que se queixam de falta de força para resisti-los mentem a si mesmos. A resistência ao vampiro é um momento decisivo da nossa vida. Nesse momento é que se revela na prática o nosso livre-arbítrio, a nossa liberdade individual, a nossa capacidade de querer e fazer. Os psiquiatras que “resolvem” um caso de homossexualidade convencendo a vítima de que esse é o seu destino tornam-se cúmplices das conseqüências desse ato de ignorância e arrogância. Os que sobrecarregam as vítimas de pesadas dosagens de psicotrópicos violentos, neutralizando-lhes a capacidade de reação, são auxiliares inconscientes do vampirismo. Desarmam o doente diante do algoz, quebram-lhe as últimas barreiras da vontade e com isso as suas últimas esperanças de libertação. Nossa vontade é sempre mais forte do que a supomos, mas nunca saberemos quanto pode e vale, se não a pusermos em ação.

Além dos psicoterapeutas, os vampirizados contam ainda com uma nova ordem de ajudantes dos vampiros: falsos parapsicólogos e sacerdotes psicologisantes, que em suas clínicas bastardas de papa-notas esgotam as energias, as esperanças e as economias dos consulentes e suas famílias. É curiosa a preferência dos clérigos por essa forma específica de clínica da histeria, distúrbios da afetividade e todo o cortejo de perturbações provenientes das abstenções forçadas pelos mesmos impostas, há pelo menos

dois milênios, às gerações mumificadas na moral dos burgos medievais.

Aldous Huxley, em *Os Demônios de Laudan* e em *O Gênio e a Deusa*, estuda respectivamente o famoso caso de Madre Joana dos Anjos na França, com o vampirismo a solta no convento, e Vitória na Inglaterra, pondo a nu a hipocrisia das virtudes enjauladas e do moralismo formal gerador de conflitos insanáveis. Não há melhor prato para os vampiros do que os preparados pelos cozinheiros de luvas de Suas Majestades e das cozinheiras recatadas de Suas Santidades.

Talvez por causa dessas preferências, ambas palacianas, encontramos com frequência na história do vampirismo a curiosa classe dos vampiros sagrados. Na descendência sacerdotal dos cultos mitológicos da Antigüidade, o caso mais evidente é o de Iavé, Deus dos judeus, que deu ao seu povo o direito de abater e devorar animais, mas com a condição divina de não lhes beber o sangue, que o Deus reservara exclusivamente para os seus banquetes particulares, e a condição humana de povoar toda a Terra em proliferação incessante, abarrotando-a de carne e sangue. As condições foram cumpridas. Os judeus até hoje só comem a carne provinda de matadores rituais, em que o sangue das vítimas é reservado para o vampiro sagrado. A proliferação foi incessante e hoje temos a Terra superpovoada, com mais de cinco bilhões de criaturas ingênuas à espera do corte, que é tão incessante como o das reses e similares, em todas as nações. Por maior que seja a voracidade de Iavé, ele não conseguiu consumir, como desejava, todo o sangue derramado na Terra.

Os vampiros sagrados esmeraram-se em práticas de sugar o sangue humano e dos animais. Na Idade Média os próprios sacerdotes inventaram técnicas especiais para dar consumo aos rios de sangue, que então substituíram os rios líricos de leite e mel de Canaã. O sangue excedente das virgens foi muito útil nas práticas da Goécia ou Magia Negra, com que os clérigos, nos tabuleiros de xadrez da política eclesiástica, bebiam das virgens sacrificadas, e devoravam sem piedade rainhas e reis, príncipes e bispos nos entreveros com peões das cavalarias reinós.

Em sua investigação, nos próprios arquivos do Vaticano, re-
vendo antigos processos de bruxaria, Albert de Rochas constatou
a extensão e a profundidade dessas práticas nas lutas dos clérigos
contra reis e príncipes. Essa obra, em que De Rochas, diretor do
Instituto Politécnico de Paris, relembra fatos assombrosos, está
publicada entre nós com o título de *A Feitiçaria*,¹ em boa tradu-
ção de Júlio Abreu Filho.

No mundo mitológico o vampirismo, como desenvolvimento
dos tempos primitivos, sempre apoiado nos mitos de sangue,
apresenta no Egito, na Mesopotâmia, em todo o Fértil Crescente
Oriental, até as civilizações pré-rationais de gregos e romanos,
um vasto painel de vampiros sagrados, sugadores de sangue e
energias vitais. No culto de Vesta, em Roma em que se adorava
o Fogo Sagrado, as vestais se iniciavam nos ritos da virgindade,
ao que parece vindo da Pérsia zoroastrina. As vestais permaneci-
am virgens até os 30 anos, segundo Benét Sanglé. Depois dessa
idade elas podiam retirar-se do serviço divino e casar-se. Se
fossem violadas antes dessa idade, seriam enterradas vivas, para
o desagravo da deusa a que se haviam dedicado.

Todos os ritos do sangue implicavam sanções cruéis para os
transgressores, logicamente determinadas pela natureza sagrada
do sangue e pelo sentido trágico de sua longuíssima tradição. Em
Canaã, antes da bárbara conquista judaica, só comparável em
atrocidades à loucura nazista na Europa, os vampiros sagrados,
geralmente sacerdotes, haviam amenizado essa brutalidade com
o uso simbólico do vinho e do pão, em lugar do sangue e da
carne. Essa é a simbologia agrária e pastoril usada nas celebra-
ções das ceifas e das colheitas. Canaã, em sua estrutura pré-
feudal, dominada pelas lides do campo, atingiria um grau de
civilização piedosa, quando a conquista judaica a mergulhou
violentamente no sangue de seus filhos. A ceia cananita reflete-
se nos relatos evangélicos, com a ceia judaica em que Jesus
transforma a sua própria carne em pão e o sangue em vinho. A
ceia memorial dos cristãos ainda hoje lembra essa transição feliz
do sangue para o vinho que regou as Bodas de Caná. Mas, no
Cristianismo Medieval o que imperou foi o rito do sangue,

apavorando os crentes com o mistério da transubstanciação do corpo sacrificado e o sangue do Cristo nas espécies sagradas.

O episódio evangélico da matança dos inocentes em Belém de Judá, por ordem de Herodes, O Grande, marca simbolicamente a Era Cristã no seu início histórico (melhor diremos: pré-histórico) com as mãos sangrentas do vampirismo sagrado de judeus e cristãos. Depois da fixação desse mito sangrento e brutal nos Evangelhos, desenrola-se toda a tragédia cristã em ritmo de vampirismo grego, mitológico e histórico, no qual Atenas e Esparta se conjugam sugando o sangue dos povos vizinhos para se engrandecer, levando a Roma dos Césares a sangria sistemática dos povos dominados para o seu enriquecimento e o aumento constante do seu poder. São vampiros sagrados os imperadores ungidos, e a sua herança vampírica contagiará o Império Cristão dos papas, que fará do sangue das seitas cristãs sacrificadas o alimento de suas pompas e grandezas futuras.

“Tudo se encadeia no Universo”, postulou Kardec, e o encaideamento do vampirismo ficou marcado na face do planeta em sangue e fogo. Tagore observou, em *A Religião do Homem*, o sentido antropofágico do mundo moderno, lembrando que vivemos de processos vampirescos de sucção do sangue e das energias vitais dos outros. A exploração do homem pelo homem é um processo vampiresco e é esse processo que traça em gravações de fogo e sangue o perfil do nosso tempo para as civilizações futuras. Todas as nossas justificativas dessa situação mundial vampiresca servirão apenas para acentuar, perante o futuro, os traços ferozes da face refletida no século da violência, da sagacidade cúpida, do egoísmo e do sociocentrismo virulento. O próprio amor, esse toque de Deus no coração do homem, não aparecerá nesse contexto horrendo como na forma clássica dos amores alados, do ingênuo Cupido flechando corações com setas invisíveis, mas como a figura trágica das Górgones, e mais particularmente de Medusa com sua cabeleira de serpentes. É essa a figura real do nosso século, que cada conquista na senda do progresso faz um retrocesso aos infernos.

Pode um psicólogo, um psiquiatra, um psicoterapeuta de qualquer escola ignorar tudo isso, dando as costas às monstruosas origens dos males que procura enfrentar nos seus consultórios e nas suas clínicas? As raízes do homem, como percebeu Jung, estão nas raízes do mundo, nas entranhas do planeta. Os vampiros lendários dos filmes de terror são apenas caricaturas dos vampiros reais que enxameiam em nosso tempo à semelhança das abelhas africanas, que produzem mais do que as outras, mas semeiam o terror e a morte ao seu redor. Que as universidades inscrevam o vampirismo em seus currículos enquanto é tempo, curando-se da alergia ao futuro denunciada por Remy Chauvin. Aceitemos o desafio da História.

Kardec admirava-se, em meados do século passado, da levandade dos sábios que se arremetiam contra as suas pesquisas e procuravam ridicularizá-lo com argumentos pueris. Richet foi coberto de ironias por haver tido a coragem de provar a existência do ectoplasma e Crawford acusado de imbecil – ele que era catedrático de mecânica em Belfast – pelo crime de revelar, através de experiências rigorosas, a mecânica das alavancas de ectoplasma. William Crookes, por admirar a beleza do espírito materializado de Kate King, foi considerado como um velhote senil que se apaixonara pela médium Florence Cook. Chamaram Oudine, o mágico profissional, para desmascarar os maiores cientistas da época e preferiram o dogma católico da transsubstanciação à realidade evidente das formações ectoplásmicas. A Ciência preferia declarar-se falida ante os fenômenos paranormais, que hoje estão definitivamente provados em todo o mundo, servindo nas mãos dos inscientes para trapaças e chantagens de toda espécie.

Não bastou esse fracasso científico, essa bancarrota dos métodos experimentais, com suas conseqüências aviltantes, para despertar da modorra os cientistas e os profissionais de formação científica, de sua estranha alergia ao futuro.

Os morcegos gostam da penumbra e da solidão das torres, nas igrejas e nas catedrais. Nas metrópoles do mundo atual eles escapam à noite de seus esconderijos sagrados e às vezes invadem os apartamentos de luxo dos arranha-céus mais próximos.

Mas os vampiros, que saem dos esconderijos psíquicos das torres da ignorância ilustrada e invadem os apartamentos de luxo dos quadros universitários e descem aos tugúrios da ignorância pobretã, estimulam o mercado espúrio das clínicas elegantes, e até mesmo dos antros da charlatanice mais deslavada. Ante a desvalorização dos dogmas igrejeiros, os clérigos mais espertos bandeiam-se para o campo científico, alvoroçados com as perspectivas novas do mercado rendoso das curas paranormais. É uma récuca de aventureiros leigos que acompanha a falange vampiresca.

Onde estão, em que furnas se esconderam os bravos defensores do patrimônio científico da Humanidade, arduamente conquistado nos últimos séculos, ao peso de sacrifícios e riscos de toda espécie? Acobertados pelas imunidades religiosas ou pelos portadores de imunidades universitárias, vampiros que lhes sugam os lucros ilícitos (e até mesmo o prestígio popular), charlatães atrevidos se apresentam em programas de televisão ou em jornais e revistas que estupidamente os lançam e popularizam. Essa situação tipicamente vampiresca impede o desenvolvimento científico das pesquisas sérias, desinteressadas entre nós e nos países de condições culturais ainda inseguras.

O vampirismo religioso se funda em pressupostos do passado místico, fundados em revelações proféticas. John Murphy, em seu livro *Origines et Historie Des Religions*, estuda o desenvolvimento da Era Profética no mundo antigo, como uma fase de transição da fase mitológica para a racional. O conhecimento mitológico é uma fabulação simbólica adaptada a um mundo de experiências não suficientemente assimiladas. Para dar alguma segurança e garantia de validade às estruturas do saber místico, fundam-se as religiões reveladas pelo autoritarismo absorvente dos profetas, numa rede de suposições na maioria inconsistentes. Esse é o paraíso do vampirismo sagrado e humano, em que a realidade se amolda às conveniências e à autoridade sagrada das religiões. O exemplo mais presente desse processo em nosso tempo é o da deformação completa do Cristianismo, que abandonou o Reino de Deus pelos reinos da Terra, a ponto de encar-

tar na estrutura política do mundo como um Estado, imitação caricata do Império dos Césares abatido pelos Bárbaros.

Ernest Cassirer, em *A Tragédia da Cultura*, compara a sistemática religiosa e filosófica com o leito de Procusto, bandido lendário da Ática, que ajustava as suas vítimas a um leito de ferro, esticando-as à força quando não cobriam o comprimento do leito e cortando-lhes as pernas quando excediam da medida. A Era Científica devia ter banido Procusto, mas na verdade ainda usa o seu leito, mutilando os fatos empíricos da realidade para integrá-los nos sistemas teóricos. Isso revela claramente a tendência acomodatória dos homens em defesa de seus pressupostos alienantes. Mas temos hoje, no campo da psicoterapêutica, métodos mais aperfeiçoados do banditismo ático, que nos permitem deformar o corpo e a alma das vítimas, através dos sofismas sobre o conceito de normalidade e anormalidade. Os romanos, menos exigentes, preferem metralhar as pernas dos adversários para retê-los em seus próprios leitos ou camas de ferro. Os psicoterapeutas são mais generosos: concedem aos seus consulentes anormais o alvará de ingresso na libertinagem do século, em nome da Ciência. No fundo, porém, o processo é o mesmo de Procusto. Não encontrando a cura para os anormais, conseguem amoldá-los à anormalidade, entregando-os livremente a vampirização. É uma capitulação covarde.

Centralizando toda a sua atenção na realidade objetiva, os sábios modernos entregaram à hipnose da matéria esse aspecto específico das energias gravitacionais que age sobre o psiquismo. Assim hipnotizados, de olhos fixos no torvelinho das estruturas materiais atômicas e subatômicas, deixaram-se empolgar e absorver pela atração plotiniana que imanta o homem ao solo. Kardec já afirmara: “A matéria é o visgo que prende o espírito”. O vampirismo sagrado revelou, na Antigüidade, o poder dessa imantação no apego dos deuses mitológicos à condição humana carnal. Na Idade Média, dominada pelo poder absoluto da Igreja, o misticismo favoreceu as manifestações vampírescas nos conventos e mosteiros, com o episódio dos *incubus e súcubus*, demônios sensuais que atormentavam frades e freiras, na suposta santidade dos mosteiros e conventos, não raro levando-os à

loucura, ao suplício das flagelações e das práticas do exorcismo. E ainda hoje, no mundo inteiro, o flagelo do vampirismo ronda e devasta os campos minados do misticismo religioso, onde resíduos da formação igrejeira superam o racionalismo doutrinário. Tentando sufocar as forças biológicas, muitas criaturas, ao mesmo tempo ingênuas e pretensiosas, caem vencidas e desesperadas nas garras das entidades vampírescas, pagando caro a sua pretensão de elevar-se antes do tempo às condições superiores de angelitude.

Apport e endoport

Na variedade das manifestações do vampirismo figuram os fenômenos de *apport* e de *endoport*, ambos classificados, respectivamente, como de psi-kapa na Parapsicologia, e como de efeitos físicos, no Espiritismo. O *apport* é o fenômeno de introdução de objetos em locais fechados ou em móveis fechados. Uma flor, uma cadeira, uma pedra podem ser transportadas para uma sala totalmente fechada e sem nenhum desvão pelo qual o objeto pudesse passar. William Crookes, que não acreditava nessa possibilidade, desafiou os espíritos a fazerem coisa muito mais simples: baixar o prato de uma balança lacrada de laboratório. Mas, no prosseguimento de suas pesquisas, viu e constatou a veracidade do fenômeno com objetos maiores e muitas vezes bastante pesados, como relata em seu livro *Fatos Espíritos*. Nas pesquisas atuais da Parapsicologia esses fenômenos, considerados como de ação direta da mente sobre a matéria, foram e continuam a ser produzidos, como nas experiências de Soal e Carrington, na Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Corpos humanos podem também ser transportados de um local para outro, sem que se perceba por onde passaram. Os espíritos vampírescos se servem desse fenômeno para assustar ou amedrontar as suas vítimas. O prof. Zöllner relata suas experiências com esses fenômenos na Universidade de Leipzig, em seu famoso livro *Física Transcendental*.² Os pesquisadores da Universidade de Kirov, na URSS, constataram e explicaram a mecânica desses fenômenos como produzidos por emissões de correntes energéticas do corpo-bioplásmico (perispírito) do médium. Está assim perfeitamente confirmada no mundo a existência do fenômeno de *apport*, não obstante as objeções levantadas por parapsicólogos materialistas e católicos, inclusive os clérigos não-cientistas que se projetaram entre nós como pseudocientistas.

O fenômeno do *endoport* é mais complexo, pois se refere à introdução de objetos nos corpos humanos. Esse fenômeno ainda não teve uma explicação científica suficientemente comprovada por experiências de laboratório. Encarado com desconfiança no

próprio meio espírita, só ultimamente vem despertando, pela multiplicação atual de suas ocorrências, a atenção dos estudiosos e pesquisadores espíritas. Concorreu muito para esse desinteresse o fato de o *endoport* ser considerado na medicina psiquiátrica como um simples ato de autoflagelação. Não obstante, os fatos ultimamente observados contrariam as interpretações superficiais e apressadas (ou mesmo de má vontade) das correntes psicoterapeutas. Está intimamente ligado aos casos de vampirismo e os observadores espíritas o consideram como um fenômeno bifronte, que pode ser de autoflagelação em alguns casos e de efeitos físicos em outros. E mesmo nos casos de possível autoflagelação é admissível a interferência do vampirismo em suas manifestações. Por outro lado, há evidente e íntima correlação dos casos de *endoport* com os fenômenos de cura paranormais e operações mediúnicas do tipo de magia simpática ou simpatética.

Os casos de autoflagelação decorrentes de distúrbios psíquicos da vítima implicariam a ação consciente ou inconsciente desta, introduzindo ela mesma os objetos em seu corpo. Favorece essa interpretação o fato de serem geralmente de fácil introdução no corpo objetos como agulhas, pequenos fios de arame, pequenos estiletes de madeira ou metal, sempre numa disposição que favorece a operação pela própria vítima ou quase sempre em partes do corpo que não oferecem possibilidades de prejuízos como aleijões, deformações ou morte do paciente. Entretanto, os cuidados podem também ser tomados pelos vampiros flageladores, que não pretendem matar a vítima, mas simplesmente torturá-la.

Nos casos de operações de curas simpatéticas, como os ocorridos com a médium Bernarda Torrúbio, em Garça, na Alta Paulista, observados por médicos de Marília, ou ocorridos com José Arigó, em Congonhas do Campo, observados por numerosos cirurgiões do Rio de Janeiro, de São Paulo e do exterior (como a equipe de cientistas norte-americanos que realizou pesquisas sobre as faculdades do médium, comprovando-as), verificaram-se transposições do operado para o médium, que vomitava (ele, médium, e não o paciente operado) os resíduos da intervenção cirúrgica invisível, constatando-se posteriormente a

eficácia da operação. (Veja-se estudo de nossa autoria, *Arigó – Vida, Mediunidade e Martírio*, em que o caso Arigó foi examinado em todos os seus aspectos, desde o psicológico, o social, o mesológico, o psicopatológico, o mediúnico, até as implicações antropológicas e espirituais).

Parece evidente que, tendo-se provado, em pesquisas diversas e experiências no local, a que se submeteram inclusive um cientista americano operado pelo médium, um cientista suíço e um famoso herói de guerra japonês (caso registrado por videotape da televisão de Tóquio e nela exibido no Japão), fica evidenciada a possibilidade do fenômeno de *endoport* na ação vampíresca. São também de grande valor probante as entrevistas de médicos-cirurgiões de São Paulo e do Rio de Janeiro, entre os quais professores universitários de Medicina, publicadas nos “Diários Associados” em todo o Brasil, reproduzidas no livro citado, de nossa autoria e reproduzido no exterior.

Em nossas pesquisas, realizadas em Congonhas, e nas observações de convivência com o médium em períodos que variaram de uma semana a quinze dias de cada vez – na maioria das vezes hospedando-nos na própria residência do médium – pudemos observar intensamente as atividades de sua vida diária, interpelá-lo muitas vezes e observar as suas atividades cirúrgicas com mais de cem pacientes.

A cirurgia simpática de Arigó, como a da médium Bernarda Torrúbio, se processava de maneira simples, por meio de incorporações mediúnicas e imposição das mãos, sem toque no paciente. Este sentia engulhos, dores leves, e quando se supunha que ia vomitar, era o médium quem vomitava os resíduos da operação. Nesse estranho processo, é evidente que havia transposição dos resíduos do organismo do paciente operado para o estômago do médium, que os vomitava. A realidade desse fato, em que temos observado em cada operação a evidência de uma dupla ação de *endoport*, no paciente e no médium, revela-nos a possibilidade da introdução de objetos no corpo de uma pessoa por entidades vampírescas.

O *endoport*, como já vimos, é um tipo de fenômeno mediúnico que abre largas perspectivas no campo da cirurgia paranor-

mal. Como todos os fenômenos mediúnicos, não serve apenas à ação vampíresca, mas também e sobretudo à cirurgia mediúnica. O desenvolvimento das pesquisas espíritas nesse campo poderá confirmar o que declarou o Dr. Sérgio Valle, de São Paulo, em sua entrevista publicada nos “Diários Associados” e reproduzida com sua autorização em nosso livro sobre Arigó: “Arigó emprega nos seus trabalhos mediúnicos uma supermedicina”. Cirurgião ocular de renome, com teses científicas publicadas no Brasil e no exterior, especialista em Hipnotismo e suas aplicações clínicas, o saudoso Dr. Sérgio Valle, que estudou o médium em Congonhas, Minas Gerais, repeliu as acusações de que Arigó empregava a hipnose para anestésiar os pacientes, provando tecnicamente a impossibilidade dessa prática por um homem rústico e absolutamente leigo no assunto. A anestesia e a assepsia usadas pelo médium eram de origem puramente espiritual. Os cientistas norte-americanos que investigaram o médium chegaram também a essa conclusão, sem terem conhecido a opinião do médico paulista.

As ocorrências do fenômeno *endopport* eram antigamente tão raras que em geral não aparecem nos livros de estudos mediúnicos. Recentemente elas começaram a crescer de maneira a causar espanto no próprio meio espírita. A persistência desses fenômenos e sua aparente resistência às práticas espíritas de combate ao vampirismo chegaram a amedrontar muitas pessoas. Há casos tratados durante 10, 15 e mais anos, sem que se tenha obtido solução. As vítimas são consideradas como autoflagelantes e o caso interessa pouco aos clínicos, que se cansam de tratá-los sem resultados. Os pesquisadores espíritas descobriram, porém, que se trata de vampirismo altamente agressivo. Desenvolvem assim uma técnica mediúnica de doutrinação, coadjuvada com passes e estímulo às vítimas para reagirem com compreensão contra as agressões e os agressores. A evangelização é parte fundamental da terapêutica, pois todos os indícios são de que a agressão decorre de consequências do passado, de vidas anteriores em que as pessoas hoje atingidas praticaram atrocidades contra os espíritos que desejam vingar-se no presente. Como ensinou Kardec: “O provérbio popular segundo o qual *morto o cão está morta a*

raiva não se adapta aos homens”. As vítimas de violências e assassinatos não morrem; pois sobrevivem à destruição do corpo carnal e guardam geralmente os seus ressentimentos, procurando vingar-se logo que possível. As dificuldades de solução do problema decorrem de casos de consciência. Os verdugos do passado desejam submeter-se ao flagelo para aliviar suas consciências. Reencarnam-se com essa intenção e por isso se resignam a passar pelos sofrimentos do resgate de suas faltas. Mostram-se em geral conformados e sofrem pacientemente o revide que vem de longe, de outras vidas. Por isso, é necessário estimulá-los.

Os problemas de consciência são muito mais agudos no mundo espiritual e para se livrarem deles os espíritos se dispõem a todos os sacrifícios na atual encarnação. Essa tendência masoquista, semeada na Terra por milênios de interpretações religiosas convencionais domina a maioria das criaturas do plano espiritual ligado ao nosso. É necessário lembrar sempre, nas doutrinações, que não estamos na Terra para gozar nem para sofrer, mas para enfrentar as necessidades da nossa evolução. Essa evolução não nos leva para o servilismo degradante, mas para a consciência do nosso destino superior, como criaturas espirituais que somos. Os que se entregam como párias ao chicote dos verdugos entregam-se a sacrifícios aviltantes, tanto para si mesmos como para os verdugos. Conseguindo dar a essas criaturas acovardadas uma visão mais racional da evolução espiritual, conseguiremos despertar nelas a fé nos objetivos supremos de Deus, que gera a esperança e viriliza os espíritos. Ante essa reação, os próprios verdugos atuais acordam para a compreensão dessa posição negativa e começam a vislumbrar os planos superiores que só atingirão abandonando essas atividades. Esse é o segredo da eficácia em todos os processos de doutrinação. Lembremo-nos sempre da atitude de Jesus, dando atenção e respeito aos pecadores que os sacerdotes desprezavam como indignos e impuros. Recorramos à expressão bíblica atribuída a Deus: “Misericórdia quero e não sacrifício”. Jesus não se entregou a cruz para nos dar o exemplo de covardia, mas de coragem diante de situações desesperantes. Lutou empregando duras expressões, contra a hipocrisia aviltante dos fariseus. Aceitou a crucificação

como exigência de um meio humano brutal em que se encarnara para modificá-lo com o exemplo final da ressurreição. E não ressuscitou para eternizar na Terra a prepotência dos verdugos, mas para mostrar-lhes que a vitória do sofrimento e da morte, enfrentada com dignidade e não com submissão aviltante, é o resgate do espírito na transcendência. Porque o destino de todas as criaturas é a elevação aos planos superiores da consciência, o que vale dizer à conquista da responsabilidade em todos os seus atos e perante todas as circunstâncias.

Até agora as religiões nos ensinam que temos de sofrer para pagar as dívidas morais. Mas o Espiritismo – que é uma síntese de todo o conhecimento – reúne em seus princípios a Ciência, a Filosofia e a Religião, dando-nos uma visão nova da realidade. Não somos condenados, somos criaturas livres e temos de aprimorar-nos para assumir toda a liberdade de seres conscientes de seu destino superior. Se estamos enleados em processos dolorosos, provenientes de erros cometidos em vidas anteriores, dispomos também da vida presente e das vidas futuras para corrigirmos os nossos erros. A Consciência Suprema, que é Deus, não quer o nosso sofrimento, mas a nossa libertação de todo sofrimento.

A utilização dos fenômenos de *endoppor* no vampirismo não é decretada por Deus, provém da nossa arrogância, que nos conduziu a uma situação humilhante. Se soubermos nos servir da humilhação para desenvolver a humildade, veremos que as entidades vampírescas começarão a aprender com o nosso exemplo corajoso a vencer as dificuldades a que também estão presos. A nossa cura não pode ser obtida pela negação das nossas potencialidades divinas, mas pelo desenvolvimento delas em nós. Temos de analisar a nossa condição atual, pesar os prós e os contras do nosso comportamento, procurando modificá-lo e reajustá-lo aos nossos verdadeiros interesses. Na própria pedagogia terrena aprendemos que só conseguimos aprender fazendo. Das coisas mais simples da vida às mais complexas, sabemos, pelas experiências das vidas sucessivas, como fazê-las. É só fazendo que se aprende. Tratemos de fazer agora o melhor, que o pior do passado desaparecerá.

A concepção nova do mundo e da vida que agora possuímos pode modificar-nos profundamente, revelando possibilidades insuspeitadas que trazemos em nós mesmos. Não fiquemos apegados às velhas ideias de crime e castigo, de punição e recompensa de Deus, de Inferno e Céu. Encaremos o mundo como a grande escola do nosso aprendizado. As leis que regem a vida são as mesmas para todos. Não há privilégios para ninguém. Confiemos nessas leis, sem torcê-las a nosso favor, e elas nos levarão a condições melhores agora mesmo. Não esperemos que alguém nos liberte. A liberdade é nossa, está em nós, basta-nos usá-la para que ela se amplie cada vez mais à nossa frente. É com esses dados objetivos da nossa realidade interna que podemos doutrinar-nos e doutrinar os outros, não com ameaças ou promessas.

O vampirismo é uma forma de escravização. Escravizamos-nos aos outros por preguiça, por indolência, e os outros se escravizam a nós pelos mesmos motivos. Se resolvermos ser livres e não nos apegarmos a remorsos, a angústias geradas por nós mesmos, a desesperos que alimentamos de forma masoquista, descobrimos que podemos fazer e desfazer as coisas por nós mesmos, não precisaremos sugar dos outros o que temos em nós e assim nos emanciparemos.

Os vampiros vampirizam o mundo porque o mundo é feito por nós, à nossa imagem e semelhança. Mudemos nossa maneira de encarar o mundo e ele se modificará. O fenômeno de *endop-port* é consequência das múltiplas e incessantes opressões que exercemos sobre os outros e os outros sobre nós. A vida é liberdade. Viver é ser livre. Mas se vivermos da vida dos outros, os outros também se acharão com o direito de viver das nossas vidas. Se nos vingamos dos outros, os outros se julgam no dever de se vingarem de nós. Tudo é reciprocidade no processo da vida.

Casos atuais de *endoport*

Entre os casos atuais de *endoport* no Brasil devemos destacar os que tivemos oportunidade de verificar pessoalmente. Os dois que nos parecem mais importantes, por apresentarem condições que repelem a teoria da autoflagelação, ocorreram em Bauru e Jaboticabal, no Estado de São Paulo. O primeiro com a menina L, de 15 para 16 anos, de cor preta. Ocorreu na residência do Sr. Roberto Previdello, em Bauru. A menina era vítima da introdução de botões comuns de vestuário nas regiões subcutâneas, nos braços, nas pernas e no corpo. Os botões eram introduzidos a qualquer momento, sem deixar cicatrizes na pele. Para tirá-los, o Sr. Previdello tinha de levar a menina a uma farmácia local ou a consultórios médicos, onde era feita a incisão para retirada de cada botão. O segundo ocorria também com uma menina da mesma idade que a primeira, com a introdução de agulhas e de pedaços de arame na hipoderme da vítima. Às vezes, como ocorreu em São Paulo, quando a levaram para uma exibição na TV Tupi, Canal 4, a introdução instantânea de espirais de arame se produzia, provocando dor, mas sem deixar sinais na epiderme. Para livrar a menina desse corpo estranho na sola do pé, que impedia a vítima de andar, era necessária uma operação demorada. O Sr. Pedro Volpi, cirurgião-dentista em Jaboticabal, recorreu ao Instituto Paulista de Parapsicologia, que não teve condições para tratar do caso. Com essa menina ocorriam também manifestações ígnias, que muito a atormentavam. Nas casas em que trabalhava, como doméstica, acendiam-se labaredas inesperadamente em lugares perigosos e queimavam-se roupas nos varais. Era sempre acusada e despedida. Desesperada, suicidou-se. Os espíritos a acusavam de haver praticado magia negra no passado.

Um caso de Brasília foi levado ao vídeo da TV Globo, para todo o Brasil. Não tivemos oportunidade de contato com esse caso, mas a TV e os jornais mostraram, em imagens e em cli-chês, que a quantidade de agulhas e outros objetos expelidos pelo corpo da médium, era simplesmente espantosa. Seria difícil

admitir-se a explicação de autoflagelação ou de exibicionismo que contenta as pessoas que só desejam esquivar-se do problema. Com isso não negamos a existência desses dois fatores, que podem mesmo contribuir para as dificuldades que se encontram para livrar as vítimas de seu tormento. Como em tudo, na prática e na pesquisa espírita, o rigoroso método científico de Kardec, enriquecido com os recursos modernos tecnológicos, nos livram dos perigos de uma aceitação precipitada dos fatos, ou da sua rejeição preconceituosa.

Em nosso grupo de trabalhos espíritas, em São Paulo, apareceu um caso assustador de *endoport* que foi encaminhado à sessão reservada de tratamento de casos difíceis e ainda se encontram em fase de observação. Uma jovem funcionária de determinada empresa sofre a 14 anos de ocorrência desse fenômeno com pregos, arames e outros objetos que aparecem introduzidos em seu corpo, particularmente nas mãos. Esses objetos são expelidos, mas não raro encravam e necessitam de socorro cirúrgico. Guia automóvel e realiza outros serviços. Expele às vezes pela boca, acompanhado de sangue, pedaços de arame e pregos. Como sempre, só procurou os recursos do Espiritismo depois de haver tentado a solução do problema em outros campos. Tem as mãos deformadas por intervenções cirúrgicas de extração forçada de pregos e arames em posição difícil. Esse caso revelou-nos a necessidade de se encarar, sem preconceitos e sem precipitações, a solução do problema do *endoport*. É bastante angustiada a situação das vítimas, que além de suas dores físicas têm de enfrentar as superstições do seu ambiente familiar, de seu local de trabalho e dos círculos de amizade. É fácil imaginar-se o que sofrem, as dificuldades que enfrentam. A jovem R. desligou-se da família e mora em casa de uma de suas amigas que se apiedou de sua situação. Suas condições psicológicas são naturalmente traumáticas, o que aumenta as dificuldades de seu relacionamento com outras pessoas.

Pouco depois do aparecimento desse caso, chegou-nos de Indaiatuba, cidade próxima a Itu e Campinas, o pedido do Sr. João Gonçalves para examinarmos o caso – 17 anos de torturas – da Sra. Odila Bertoni, residente naquela cidade e empregada domés-

tica. O aludido senhor, comerciante, ali estabelecido com loja de fazendas, é também dirigente de um Centro Espírita. Há anos empenhou-se no tratamento do caso em forma de desobsessão. Pacientemente foi conseguindo abrandar as agressões, melhorando consideravelmente a situação da vítima. A médium, que produz também efeitos físicos diversos, adquiriu confiança nos trabalhos espirituais realizados, adquirindo alguma esperança de cura. O Dr. Ramos, médico da cidade, vem prestando socorros à médium na extração dos objetos encravados em seu corpo. Providenciou chapas radiográficas em que se constatou a presença no corpo da médium de 60 agulhas e pedaços de ferro em menor número. A revista italiana “Gente”, muito conhecida entre nós, publicou em seu número de 12 de fevereiro de 1977, ampla reportagem sobre esta ocorrência, com ilustrações fotográficas e reproduções das chapas radiográficas do Dr. Ramos. A Medicina se mostra impotente diante desses casos, limitando-se a verificá-los e, quando possível, a socorrer as vítimas com a extração cirúrgica dos objetos encravados no corpo.

Alguns sacerdotes pseudoparapsicológicos procuram dar explicações sobre o fenômeno, geralmente rebarbativas. As manifestações espíritas que acompanham essas ocorrências têm sido dadas por espíritos inferiores, que se referem apenas aos motivos kármicos (de vidas anteriores das vítimas), não fazendo nenhuma referência ao mecanismo dos processos de *endopport*. As pesquisas de Friedrich Zöllner, na Universidade de Leipzig, sobre *apports* e fenômenos correlatos, revelaram a possibilidade de interpenetração de corpos estranhos em estruturas materiais fechadas. Zöllner interpretou essas possibilidades, no século passado, como provenientes da multidimensionalidade do real. Fenômenos como os de nós, produzidos em cordas sem pontas e de introdução de argolas de madeira (inteiriças) em estruturas fechadas, acusando aquecimento intenso das argolas, levaram-no a considerar a ocorrência de atritos na passagem do objeto de uma dimensão para outra. As pesquisas do Barão Von Schrenk-Notzing e de Madame Bisson, em Berlim, provaram que o retorno do ectoplasma das materializações ao corpo do médium, se davam por infiltração nos poros da epiderme. As provas atuais

da permeabilidade da matéria, pelas descobertas da Física Nuclear, trazem uma contribuição nova para essas tentativas do passado que foram relegadas ao esquecimento durante todo um século. Tornou-se teoricamente possível a introdução de objetos estranhos em corpos fechados, que no século passado pareciam impossíveis. As provas científicas obtidas na Universidade de Duke (Estados Unidos) pelo Prof. Rhine e sua equipe de pesquisadores são assim explicadas por Rhine: “A mente, que não é física, age por vias não-físicas sobre a matéria – o que Vasiliev não conseguiu refutar experimentalmente – e essa constatação completa o quadro favorável a uma explicação científica atual do fenômeno de *apport* e particularmente do fenômeno de *endoport*.”

Já é tempo de não se encarar mais esse fenômeno doloroso, mutilador de criaturas e frustrador de vidas normais, como possível trapaça de médiuns masoquistas e de alucinados exibicionistas. Acresce que esses fenômenos não ocorrem com indivíduos que tenham demonstrado, em tempo algum, tendências masoquistas ou exibicionistas. A introdução de agulhas no corpo, que tem sido considerada altamente suspeita, pela facilidade em fazê-la, principalmente de uma para outra mão, implica dores e dificuldades nas atividades das vítimas, que por motivos tão absurdos não justificariam a estúpida insistência por tantos anos. O próprio instinto de conservação, com seu corolário de rejeição à dor e ao sofrimento, só poderiam ser considerados insuficientes em pessoas que revelassem insanidade. Isso não acontece com as vítimas, que sofrem penosamente à espera de uma solução para a anomalia que as esmaga. Por outro lado, dispomos hoje, no campo psicológico, dos recursos necessários para avaliarmos as condições de anormais das pessoas suspeitas. Diante de todos esses fatores, a displicência em face do sofrimento sem esperança das vítimas transforma todos nós em cúmplices e parceiros do mais estranho e criminoso tipo de vampirismo que flagela tantas criaturas no mundo. Não podemos assumir a atitude dos psicoterapeutas que entregam as vítimas de inversões sexuais a condenações irremissíveis, consolando-as com um falso conceito de normalização do anormal. A lógica nos ensina que uma coisa não

pode ser e não ser ao mesmo tempo e no mesmo sentido. O normal é uma coisa e o anormal é outra. Não podemos sustentar que a situação das vítimas do *endoport* é normal e nem mesmo paranormal, pois esta expressão, criada por Fredrich Myers, define um paralelismo de condições imposto por exigências metodológicas temporariamente. Uma criatura que virou agulheiro não pode ser considerada como normal. Sua condição é anormal e patológica, exigindo atenção e socorro dos meios científicos. Se estes meios lavam as mãos na bacia de Pilatos, nós, espíritas, não podemos fazer o mesmo. Os princípios doutrinários do Espiritismo nos obrigam a atender e socorrer o vampirismo e a sua vítima, dissuadindo o primeiro de suas intenções vingativas e o segundo de sua atitude passiva e conformista. O fenômeno de *endoport* tem conseqüências físicas, materiais, mas a sua natureza é moral e, portanto consciencial. Nele estão em jogo dois psiquismos em luta, duas consciências que precisam ser esclarecidas. Seria inútil tentarmos resolver a questão por meios físicos. Temos de recorrer aos processos espirituais da prece, do passe e da doutrinação.

O que há de físico no *endoport* é a ação fluídica. Mas não conhecemos suficientemente os fluidos, sua variedade que parece infinita, e só jogamos com eles no plano da fé, da confiança em Deus e nos Espíritos Superiores. A própria Ciência, como o demonstrou Cassirer, vê-se obrigada a apoiar-se na fé para subsistir. Não podendo provar de maneira objetiva a existência da ordem universal, os cientistas se apegam à suposição da sua existência em todo o Universo, crendo e confiando nos indícios de universalidade que obtemos nas leis do nosso mundo terreno e agem com fé nesse pressuposto. Quando eles nos acusam de empirismo simplório, sem bases firmes, fazem o papel do macaco que não olha para o seu rabo, vendo apenas o dos outros. Se temos a crença ingênua e a fé religiosa, eles também tiveram de crer ingenuamente numa realidade que não podem demonstrar, para poderem avançar em suas pesquisas. A fé religiosa e a fé científica são irmãs gêmeas que nos ajudam e nos amparam no avanço do conhecimento real. Ambas nos permitem agir na descoberta das leis da realidade que não pode-

mos abranger em nossa limitada possibilidade de investigação direta e completa. Por isso Kardec sustentou a existência de duas formas de revelação: a divina e a humana. A revelação divina nos é proporcionada pelos Espíritos Superiores – nas Ciências humanas, através de intuições, na Ciência Espírita através de comunicações mediúnicas.

Enganam-se vaidosamente, ensinando o que não sabem, os espíritas que pretendem impor à prática espírita sistemas que inventarem por conta própria, com os quais supõem haver superado Kardec. Não conhecendo a natureza real dos fluidos espirituais, tendo uma vaga noção de suas leis e supondo as suas formas de aplicação, procedem como crianças que brincam com fogo e pólvora. Muitos desses aprendizes de feiticeiros apegam-se, para manter o seu falso prestígio, às práticas de macumba, aos processos selvagens do sincretismo religioso afro-brasileiro, pensando que vegetais inocentes como a arruda, as chamadas espadas de São Jorge, os pontos cantados ou riscados no chão podem socorrê-los na sua impotência. Nenhum elemento material e nenhum resíduo de superstições das selvas têm a menor influência sobre as leis espirituais. A única força de agir sobre entidades vampírescas e sobre os espíritos em geral, como ensinou Kardec, procede da autoridade moral de criaturas esclarecidas. Só a autoridade moral de um espírito encarnado pode influir sobre o comportamento de espíritos desencarnados. Não compreendendo isso e não podendo manipular os fluídos espirituais, esses espíritas ingênuos manipulam ervas, pólvora e bebidas, descendo do seu estado evolutivo, nessas práticas supersticiosas, para emparelhar-se com os feiticeiros das selvas.

A fé em Deus e na Espiritualidade é inata na criatura humana e permanece latente, em forma estática, disponível, no coração dos homens que se entregam à negação materialista. A fé espírita, racional, anti-supersticiosa, manifesta-se como uma graça no coração dos que se conduzem com humildade ante o Grande Enigma de que falou Léon Denis. Essa fé permite avançar, na medida exata das nossas potencialidades espirituais. Sem humildade e a consciência de nossa fragilidade humana, estaremos sempre sujeitos a cair nas armadilhas da vaidade tola que todos

possuímos e que a maioria cultiva como erva preciosa, quando não passa de erva daninha. Nessas culturas bastardas é que o vampirismo nos colhe como flores de guanxuma das terras estéreis.

Nas ilustrações fotográficas da revista “Gente” aparece um *expert* de Espiritismo, Monsenhor Ernesto Pizoni, e um *expert* em Parapsicologia, o Padre Quevedo. Ambos pretendem explicar o fenômeno segundo a Igreja. A qualidade de *expert* em qualquer assunto exige conhecimento profundo do mesmo e isenção de ânimo, sem nenhum condicionamento mental e emocional, nenhuma dependência de pressupostos estabelecidos por uma dogmática oposta ao problema. A posição do clero católico no caso é universalmente e ferozmente contrária ao Espiritismo. Cientificamente a posição de ambos é, portanto, inaceitável. Não conhecemos Monsenhor Pizoni, mas, por mais honesto e digno que seja, sua opinião é sempre a de um homem de fé, de uma determinada fé suficientemente conhecida em todo o mundo, não tendo por tanto o menor valor científico. Quanto ao Padre Quevedo, que conhecemos bem, é um campeão feroz e altamente agressivo da luta contra o Espiritismo, que se esforça para transformar a Parapsicologia em arma dessa guerra inglória. Nenhum dos dois sacerdotes tem condições para se apresentar como *expert* num problema que só podem conhecer através de preconceitos enraizados na formação fideísta que tiveram. Numa apreciação ética, a posição de ambos corresponde cientificamente a um pecado mortal, caso houvesse nas Ciências uma escala de pecados.

Monsenhor Pizoni, segundo suas próprias declarações à revista, revelou não ser nenhum *expert* em Espiritismo. Relatou sua participação em algumas sessões espíritas e admitiu a autenticidade das comunicações que recebeu. Mas fez lamentável mistura de práticas de religiões africanas com o Espiritismo, sem revelar nenhum conhecimento da Doutrina Espírita. Seu conceito de Espiritismo não vai além dos conceitos vulgares. Dando a palavra da igreja sobre o assunto, disse que ela admite teoricamente a comunicação dos espíritos de pessoas mortas e liberou aos católicos a frequência a sessões, desde que para estudos e expe-

riências, e lembrou que muitos santos da Igreja relacionavam-se com os espíritos. Acrescentou que a Igreja só condena no Espiritismo a idolatria e os rituais pagãos. Com essa declaração Monsenhor Pizoni liquidou definitivamente com a confusão da revista a respeito da sua condição de *expert* do Espiritismo, pois é do conhecimento de todo mundo que no Espiritismo não há ídolos nem rituais. Como poderia um *expert* ignorar esse fato marcante e característico da Doutrina Espírita? Por outro lado, como explicarmos a facilidade com que o Padre Quevedo aceitou a possibilidade de um *despacho* pela médium de Indaiatuba, que acertou em cheio apesar dos 700 quilômetros de distância? Ele que vem declarando insistentemente, nas televisões do Rio de Janeiro e de São Paulo, que não há *despachos*, e se os há não têm o menor efeito, e que além disso vive desafiando os macumbeiros a lhe fazerem algum mal, acabou tremendo de susto ante uma prática de Vodú. Essa foi a grande novidade da reportagem de “Gente”: a virada espetacular do padre desafiante.

Como se vê, nem a Igreja nem os seus clérigos conhecem alguma coisa sobre Espiritismo. Encaram-no como uma religião supersticiosa dos negros africanos, nagôs ou iorubanos. Não examinam as obras de Kardec, e se um ou outro clérigo o faz é sempre com malícia, procurando nos textos contradições e absurdos que não existem, mas que acabam por lhe atribuir. Era precisamente assim que agiam as grandes religiões contra o desenvolvimento incipiente do Cristianismo. Mas Monsenhor Pizoni foi tocado em seu coração pelas comunicações mediúnicas de amigos que ele reconheceu e cujos reencontros mantêm vivos em sua memória. Embora o apresentem como um *expert* do Espiritismo, ele bem sabe que não o é e praticamente convida os católicos a seguirem o exemplo.

A Sra. Odila (que na reportagem da “Gente” aparece com outro nome), não foi atingida pela magia negra de uma sacerdotisa vodú que enfiava alfinetes numa almofada a grande distância. Muitos anos antes da dança macabra que Pizoni e Quevedo assistiram assustados no Rio de Janeiro, ela já havia sido envolvida por entidades vingativas, tipicamente vampírescas, que os espíritas de Indaiatuba já conseguiram despertar para compreen-

são do seu erro, através da doutrinação evangélica. Não se pode colocar um problema tão grave como o vampirismo em termos de disputa religiosa ou suposto debate teológico, que nas televisões de São Paulo e do Rio de Janeiro o Padre Quevedo sempre encerrou com desafios ridículos aos macumbeiros para lhe fazerem um *despacho* arrasador. Na última vez que o defrontamos, numa mesa redonda do Canal 4, TV Tupi de São Paulo, aproveitando-se da presença de um babalaô orixá na reunião, o Padre Quevedo fez um apelo desesperado ao babalaô nesse sentido. O babalaô, tranqüilamente, respondeu-lhe: “O Sr. deve pedir isso aos macumbeiros que fazem o mal, nós só fazemos o bem”. O Padre *expert* em questões espíritas não sabia que o babalaô de Umbanda, dirigente de sessões de Candomblé, não pertencia à chamada Linha de Quimbanda. Não conhecia sequer os problemas do sincretismo religioso afro-brasileiro, amplamente tratado pelos nossos sociólogos, e ali se apresentava como conhecedor do Espiritismo e parapsicólogo, duas faixas de conhecimentos científicos que jamais figuraram na sua bagagem cultural de maneira correta. Deus queira que os sofrimentos de Odila e de tantas outras criaturas atacadas pelo vampirismo lhe tenham servido, afinal, para lhe demonstrar que não se pode tratar de problemas científicos com a displicência de quem joga bolinhas de gude.

A reportagem de “Gente”, por sua vez, nos trouxe pelo menos uma consolação, mostrando-nos ao vivo que os repórteres da civilizada e culta Itália não superam em nada os nossos repórteres brasileiros no tocante às improvisações dramatizantes, sensacionais, em que alhos e bugalhos se misturam ao sabor dos leitores inscientes. Uma boa reportagem sobre assuntos dessa natureza só poderia ser feita por quem realmente conhecesse o problema. O tranqüilo Monsenhor Pizoni, o irrequeto e dramático Padre Quevedo e o repórter fantasista de “Gente” podem encontrar nas obras italianas do famoso prof. Ernesto Bozzano os ensinamentos fundamentais que lhes faltam para se tornarem aptos a enfrentar problemas dessa natureza. Poderiam também lembrar Lombroso, que depois de combater o Espiritismo sem o conhecer, acabou por escrever o famoso livro *Espiritismo e Hipnotis-*

mo, recolocando o problema em seus devidos termos. Tudo quanto se fala sobre estas questões ou se escreve sobre elas dirige-se à gente, e a gente que sofre ou sofreu precisa de esclarecimento. Trapacear, mentir ou fantasiar neste caso é tripudiar sobre a memória dos que deixaram este mundo.

O autovampirismo

Se compreendermos que o vampirismo não é mais do que exacerbação mórbida de tendências naturais do organismo, mantidas e em equilíbrio e, portanto, em condições normais na vida rotineira, não estranharemos a expressão *autovampirismo*. As tendências orgânicas e psíquicas de cada criatura humana resultam de complexos processos filogenéticos espirituais e vitais que determinam a condição natural de equilíbrio entre a afetividade, a volição ou vontade, a dinâmica consciente – inconsciente, e a razão. O menor desequilíbrio em qualquer ponto de uma dessas áreas da constituição psicossomática pode desencadear processos anormais nas manifestações compulsórias do ser. Na Psiquiatria, essa situação estaria hoje bem conhecida, se as suas teorias não se apresentassem sempre restritas ao campo orgânico, mutilando a realidade ôntica com a rejeição do espiritual. Essa mutilação responde pelo desespero que levou extremistas da Psiquiatria às confusões lamentáveis sobre os conceitos de normal e anormal. Isso dificulta a compreensão dos casos anormais. A Psicoterapêutica em geral mostrou-se incapaz de atingir o recesso dessas motivações ocultas, e isso porque, como assinalou o Prof. Rhine, a Psicologia havia perdido o seu objeto, que é a *Psique*, a alma ou espírito, entregando-se ao jogo sensorial dos efeitos comportamentais. Era mais fácil agir ecologicamente, tratando das relações do indivíduo com o meio, do que aprofundar as pesquisas subliminares de fins do século passado e princípios deste. O comodismo é também um componente importante da condição humana normal, que quando exacerbado nos leva à indolência, à preguiça, à irresponsabilidade e à mistificação. Esse desencadeamento de situações negativas dá-nos o exemplo do que ocorre nas áreas científicas com o que Remy Chauvin designou por *alergia ao futuro*.

O vampirismo é um elemento básico do desenvolvimento da vida em toda a Natureza, porque a lei da diferenciação na unidade, a que Kardec se referiu, rege todos os processos de desenvolvimento. Tudo começa no uno, no indiferenciado, para se multi-

plicar (sem se desligar da unidade original) nas proliferações necessárias. Os seres se desenvolvem em cadeia e se ampliam em família. Para esse desenvolvimento e essa ampliação uns se apoiam nos outros, sugando-lhes os elementos vitais numa reciprocidade constante. A Natureza é uma Unidade que se desdobra sem cessar na multiplicidade dos seus próprios elementos constitutivos. O amor é uma troca permanente, que pode gerar o ódio e com ele o vampirismo negativo das situações criminosas. Os desequilíbrios ecológicos da atualidade revelam-nos claramente esse processo universal. A telepatia, hoje considerada não apenas em suas manifestações excepcionais, mas como meio normal e constante de intercomunicação humana subliminar, mostra-nos um aspecto sutil de vampirismo, que tanto pode ser negativo como positivo, segundo o demonstrou o Prof. John Herenwald.

Vivemos num mar de pensamentos que nos afetam a todo instante. E usamos os nossos meios de seleção, de maneira instintiva, para acolher uns e repelir outros. E é precisamente no ato de selecionar, escolher e assimilar que encontramos, ao mesmo tempo, as fontes do autovampirismo e da nossa responsabilidade individual pelo desenvolvimento e a propagação do vampirismo. E encontramos, ao mesmo tempo, a prova do nosso livre-arbítrio no plano da razão onde ele se mostra consciente e no plano da afetividade em que aparece compulsivo e inconsciente. Os mecanismos de introjeção, na Psicanálise, pelos quais as ideias penosas, as ocorrências e lembranças traumáticas são escamoteadas no consciente e transformadas em complexos, dão-nos o esquema preciso desse processo. Freud remeteu essa responsabilidade à libido, mas Kardec, mais de meio século antes de Freud, revelou essa mecânica nas pesquisas das manifestações espíritas inconscientes. Fredrich Myers, nas suas geniais explicações do mistério dos gênios, em *A Personalidade Humana*, confirmou a posição de Kardec, sem a conhecer, comprovando-a por suas próprias pesquisas e as de Henry Sidgwick e Edmund Gurney. Para esse trio de pesquisadores eminentes o gênio é o produto de experiências anteriores, acumuladas no inconsciente (bagagem reencarnatória) que vão aflorando em novas existências por

atração de novos conhecimentos adquiridos, graças à lei de associação de ideias, graças à permeabilidade da zona fronteira do limiar da consciência. As inspirações do gênio dormem introjetadas na consciência profunda e acordam nos reencontros com o mundo cultural. Sua adaptação a esse mundo novo o reintegra no plano das cogitações e dos trabalhos do passado, desvendando-lhe novas perspectivas na luta para a ampliação dos conhecimentos e o avanço das ciências. De Rochas provou essa hipótese experimentalmente e hoje Raikov, mesmo sem querer, vem comprovando-a nas suas pesquisas sobre as recordações de vidas passadas, na Universidade de Moscou. Não laboramos por nossa conta e risco nesse campo difícil, o que seria uma temeridade, mas trabalhamos com o apoio dos grandes pesquisadores do passado recente e do presente.

Hubert e Kerchensteiner, filósofos e pedagogos, o primeiro francês e o segundo alemão, ambos pertencentes à corrente do neokantismo, lembram atualmente a necessidade de uma colocação atual do problema ontológico, homem como *onto*, ou seja, como ser ou espírito que se desenvolve na temporalidade, como quer Heidegger, em etapas sucessivas, na dialética da consciência. Sem essa tomada de posição, superando os entraves de uma sistemática científica já derrotada pelo próprio avanço científico, não poderemos chegar à solução, cada vez mais urgente, dos problemas humanos.

No vampirismo, graças à exageração das tendências negativas da vítima, podemos ver com mais clareza, como um microscópio de alta potência, o outro lado da personalidade humana, com suas nuvens negras ocultando deformidades e desequilíbrios. Conhecendo o problema das relações telepáticas e o das captações paranormais em geral, dominamos facilmente o panorama das perturbações. Temos assim os dados necessários para conseguir o restabelecimento do equilíbrio do vampirizado, submetendo-o à técnica espírita da doutrinação, que poderá estimular as suas reações, praticamente bloqueadas pela vampirização. Com a prece, o passe e as sessões de manifestações mediúnicas, dirigidas por pessoas esclarecidas e bem integradas na doutrina, o reerguimento da moral da vítima não tarda a se manifestar. Os

estímulos espíritas agem com eficácia. E, ao mesmo tempo, as entidades interferentes e perturbadoras, que se ligaram a vítimas atraídas pela lei de afinidades espirituais, vão sendo esclarecidas e afastadas, aliviando a carga da vítima. Mais do que estimulações morais, deve-se recorrer ao esclarecimento racional do problema. A criatura humana é sempre mais sensível às explicações lógicas do que às exortações puramente morais e geralmente piegas, desvalorizadas pela ação corrosiva da hipocrisia de pregadores que fazem o contrário do que ensinam. A vítima de vampirismo e os seus algozes necessitam de estímulo racional, pois a prática vampíresca se funda sempre nos processos sensoriais e afetivos. São sempre criaturas que alegam carência de amor, de afetividade, como crianças mimadas que passam pelos traumatismos do abandono. Por isso mesmo são também inconstantes, inseguras, fugindo ao tratamento sempre que possível. Geralmente, quando os obsessores começam a deixá-las, inquietam-se e sofrem recaídas perigosas, nas quais pretendem reencontrar os afastados. A viciação, seja de que tipo for, amolece a vontade humana e só com a ajuda enérgica de doutrinadores habilidosos e vigilantes, insistentes na decisão de salvá-las, poderão retê-las no tratamento necessário. Mas, por outro lado, o sentimento da dignidade humana que permanece vivo na consciência, o desejo natural de consideração e respeito na vida social e até mesmo a vaidade – que nesses casos se transforma em excelente auxiliar do reequilíbrio, – são fatores favoráveis que socorrem o trabalho de recuperação.

No vampirismo endógeno (autovampirismo) temos um quadro mais ou menos semelhante, mas a inversão dos fatores desencadeantes exige estímulos mais adequados ao despertar das reações da vítima. Nesses casos, os agentes externos devem ser tratados com mais atenção e contar com a eficácia da *autoridade moral* a que se referiu Kardec. A condição moral dos doutrinadores é sempre importante, mas no caso do vampirismo endógeno seu papel é mais importante. Essa autoridade moral não pode, entretanto, ser medida pelas aparências. Suas medidas são de ordem consciencial. O comportamento externo de uma pessoa alegre, brincalhona, leva os moralistas carrancudos a considerá-

la como leviana, o que não passa de um julgamento apressado. A autoridade moral de Kardec decorre das intenções, dos sentimentos fraternos, do senso de justiça e bondade e do sentimento de amor e respeito pelos semelhantes que a pessoa demonstra. Quando os obsessores começam a ceder, temos de tomar cuidado com as ciladas da astúcia, aumentando a nossa confiança nos espíritos protetores e na essência espiritual do homem. Com esses elementos íntimos reforçamos a nossa posição, ajudando a vítima em sua recuperação. Estas são apenas algumas indicações do que se tem a fazer, pois no desenvolvimento dos trabalhos os dirigentes, médiuns e doutrinadores vão se capacitando cada vez mais e adquirindo uma habilidade especial no trato dos processos vampírescos. O resultado desses trabalhos mediúnicos, quase sempre dolorosos, é o despertar de homens e espíritos desencarnados para a necessidade e o valor de uma compreensão espiritual da vida. A doutrinação de uma entidade perturbadora contagia muitas outras, despertando-as para o sentimento de amor e dignidade humana. Muitas pessoas entendem que o problema do vampirismo pertence aos espíritos, não competindo aos homens cuidar desses casos. São criaturas comodistas, que só desejam participar de reuniões mediúnicas agradáveis, em que somente se manifestam espíritos elevados. Esquecem-se de que vivemos num mundo inferior, onde o mal predomina, como vemos ainda agora, com as atrocidades espantosas deste século de transição. Se voltassem os olhos para o passado, veriam que a história da Humanidade é suficiente para justificar todas as formas de obsessão e vampirismo que campeiam no planeta, desde as nações mais bárbaras às mais civilizadas. Deus, que nos considera como filhos amados que amadurecem na carne para florescerem no espírito, na integridade do ser, dando frutos de luz para os que sofrem nas trevas da ignorância, do crime e da ignomínia, espera de nós um pouco de boa-vontade em favor de nossos irmãos sofredores da população da Terra.

As sessões espíritas de desobsessão podem cansar e aborrecer os que só pensam em si mesmos, que alegam dificuldades como as do vampirismo e do animismo, para justificarem sua preferência pelas sessões de elevada instrução espiritual. Essa é ainda

uma prova do nosso egoísmo, da nossa inferioridade e falta de compreensão da realidade terrena. Não temos o direito de suspirar por sessões angélicas, pois estamos muito distantes dos planos da angelitude, característicos dos planos superiores, dos mundos felizes. Temos ainda muito trabalho a enfrentar neste pequeno planeta que aviltamos ao invés de elevá-lo. E só pelo trabalho e a abnegação poderemos um dia merecer a nossa transferência para os mundos em que a Humanidade é realmente humana.

Basta olharmos de relance o noticiário dos jornais para vermos o que se passa em nosso mundo. Seremos tão tardos de raciocínio para não entendermos que somos os responsáveis por todas as calamidades que assolam o planeta? O vampirismo nasceu e vive das nossas entranhas e das nossas mãos. No gigantesco processo da evolução dos milhões de seres que passaram pela Terra e ainda continuam passando, ao nosso lado, o papel que exercemos foi sempre o de vampiros. Os espíritos que não mancharam suas mãos no crime de Caim há muito que deixaram o nosso mundo de provas e expiações.

Aves de rapina

Uma das formas do vampirismo é a que transforma os homens em gaviões rapinantes, perigosas aves de rapina que vivem rodando gananciosos e insaciáveis o rebanho humano. Fascinados pelo dinheiro, deixam-se envolver pela ferrugem da usura, que os corroem sem cessar. Há dois tipos bem definidos no aviário humano: o gaviãozinho de voo curto, rastaquera, de olhos vivos à espreita, melífluo nos gestos e no falar, discreto e rápido nos golpes contra os haveres do próximo, e o gavião atrevido, de asas pontudas e compridas, que sabe pairar no ar, quase imobilizado em seu equilíbrio aéreo, para espreitar o rebanho descuidado. Formam ambos o complô da rapinagem e da usura. Segundo a lei geral do vampirismo, trazem na própria alma, ao nascer, as marcas do azinhavre de encarnações passadas na exploração dos semelhantes, mas trazem também o cortejo dos rapinantes viciados que os estimulam e deles se servem para saciar o vício da rapina pelas suas garras. À maneira do que ocorre na viciação sexual, possuem o instinto congênito da avareza e da ganância, mas podem também se contagiar nos meios avarentos, conseguindo a *rapinagem adquirida*, quando trazem apenas tendências para esse campo da criminalidade.

São esses os açambarcadores da riqueza perecível dos homens. Tornam-se epidermicamente azinhavrados e adquirem uma tonalidade metálica de voz. Têm, no trato pessoal, a doçura maliciosa de um pároco e esfregam as mãos como se enrolassem notas para ocultá-las na concha das mãos, que Deus nos deu para colhermos a água das fontes. Dispõem de um faro especial para descobrir os focos de angústia e necessidade em que existem haveres para se empenhar. Espreitam durante meses e anos as pessoas que lutam com sacrifício para salvar uma pequena propriedade ou os derradeiros haveres de uma família em ruínas, desfechando o golpe no momento exato em que a vítima tem a corda no pescoço. Não a puxam, porque não é isso que lhes convém. Preferem salvar bondosamente a vítima, que poderá ser-lhes útil mais tarde, e levar-lhes apenas os haveres. E quantas

vítimas ficam agradecidas a Deus, que lhes enviou o socorro no momento exato da necessidade!

Mas os gaviões rapinantes pagam caro os seus prazeres mórbidos. São criaturas que sofrem as angústias da sua própria mesquinhez. Seus laços mentais, como certas algemas policiais, apertam-se automaticamente ao seu redor quando pretendem ampliá-los. O azinhavre da avareza lhes envenena o sangue e o ácido da usura os cega fatalmente. Passam para a vida espiritual como míopes ou cegos que não conseguem ver mais do que as miseráveis fascinações terrenas, como se não tivessem deixado o corpo carnal. Os gaviões atrevidos só encontram pela frente os seus rivais, que não se esquecem das disputas terrenas e formam com eles os bandos delirantes de vampiros do roubo, mutuamente se roubando e tentando criaturas fracas com as fascinações mentirosas do passado.

Nos sistemas de educação da Terra muito se poderia fazer contra esse flagelo, com métodos de observação e controle das tendências e vocações das crianças. Mas como dar à educação esse recurso preventivo, quando nem mesmo os mestres espíritas, em sua esmagadora maioria, não se sensibilizam com o ideal da Educação Espírita? Todas as tentativas para o desenvolvimento dessa Nova Educação morrem à míngua de interesse. Na educação familiar, onde a observação das crianças devia ser permanente, ninguém se lembra dessas questões e geralmente se acha graça nas manifestações ingênuas dos filhos, sem a menor atenção para as conseqüências futuras. Nas escolas de grau médio e superior o que se desenvolve com facilidade é a competição que prepara os estudantes para as disputas e as lutas em torno de prioridades e preferências. Tudo pode ser prevenido e evitado, mas os adultos não têm tempo para cuidar disso. Há um abismo entre a infância e a adolescência, de um lado, e os pais e mestres do outro. Um abismo tão profundo e fatal como o que separava o Rico e Lázaro na parábola evangélica. Enquanto não nos convenceremos de que Kardec tinha razão ao afirmar que o problema da Terra é fundamentalmente de educação, não sairemos do círculo vicioso de um religiosismo egoísta. Se quisermos para os nossos filhos um mundo melhor, temos de melhorá-lo

agora. Porque são eles que vão fazer o mundo de amanhã, não nós. Se quisermos livrá-los do vampirismo que, no sistema atual, tende a aumentar em progressão geométrica, temos de oferecer-lhes pelo menos a progressão aritmética de novos processos educacionais.

Numa concentração de Mocidades Espíritas, em que, convidado para pronunciar uma palestra, tratamos do problema da Educação Espírita, uma professora espírita mostrou-se indignada e depois se retirou, virando-nos o rosto quando nos encontramos na saída. Informaram-nos depois que ela se agastara porque havia sustentado que a Educação Espírita era um absurdo. Outra jovem professora espírita apresentou uma tese ao III Congresso Educacional Espírita Paulista, contra a proposição do temário sobre a Pedagogia Espírita, e teve quem a defendesse no plenário. Com essa mentalidade, afundada (e não fundada) na mais completa ignorância das matérias básicas do seu próprio ofício, o professorado espírita só pode fazer o papel do cego do Evangelho que conduz outros cegos ao barranco. As numerosas escolas espíritas instaladas nos últimos anos no Brasil e particularmente em São Paulo estarão destinadas a perecer como inúteis. Somos caminheiros do deserto que rejeitam os oásis porque não acreditamos que no oásis possa existir água.

Mas não é apenas no meio espírita que a situação se apresenta tão desastrosa. Um velho professor, em função de fiscalização do ensino médio, ao ouvir uma palestra do Prof. Ney Lobo, declarou-nos assustado: “Só agora aprendi qual é a diferença entre Educação e Pedagogia”. Passara a vida ensinando o que não conhecia, pois colocara a rotina do ensino e de sua burocracia administrativa acima das questões culturais. Numa Faculdade de Direito (espírita) o diretor nos disse que não podia tratar de Espiritismo, por ser matéria extracurricular. Ignorava a existência de importantes trabalhos espíritas sobre o Direito, como a tese de Ortiz na Universidade de Havana, com que esse famoso discípulo de Lombroso conquistou a Cátedra de Direito Penal. Não queremos que uma Faculdade de Direito ensine o Espiritismo, mas é evidente que, na matéria curricular de Direito Penal, a Faculdade Espírita tinha o dever de incluir uma informação

valiosa e perfeitamente enquadrada nas exigências universitárias, tanto mais que Ortiz considerava, na tese, já também editada em português, a informação de que o Direito Penal Espírita estava avançado de um século sobre o comum. As escolas espíritas têm o dever de dar a contribuição doutrinária à Cultura atual que, segundo reconhecem os pedagogos mundiais, encontra-se em fase de mudança acelerada.

O receio de tratar de assuntos culturais espíritas nas próprias escolas espíritas constitui um dos muitos resíduos do preconceito contra o Espiritismo mantido pela Igreja durante séculos. Se os espíritas não lutarem contra esses resíduos, eles permanecerão em nossa cultura, com graves prejuízos para os estudantes que se formam em nossas escolas. Certos professores temem a fundação de uma Universidade Espírita – absolutamente necessária em termos de cultura – por simples medo de o fato criar inquietações na área universitária, afetando-os de alguma maneira. Essa é uma atitude de comodismo e covardia, que depõe contra a convicção espírita e a integridade moral do professorado espírita.

Os graves problemas do vampirismo não serão resolvidos sem a ação corajosa dos espíritas em todos os campos da Cultura e da Educação. A própria Ciência, em seu desenvolvimento atual, já teve de penetrar nos problemas espíritas, particularmente nas áreas da Física e da Parapsicologia, comprovando de maneira definitiva a existência dos fenômenos mediúnicos e a sua importância para o conhecimento pleno e veraz do mundo em que vivemos e da verdadeira natureza e destino do homem.

Sem o reconhecimento científico da reencarnação, e portanto sem a possibilidade de se considerar a criança como um ser que já trás consigo, ao nascer, uma larga bagagem de experiências e conhecimentos nos arquivos do inconsciente, não se pode formular um conceito precioso do educando e da maneira por que ele deve ser orientado. O conceito espírita do educando como um reencarnado permite a análise de sua condição atual no mundo humano, a compreensão lógica de suas dificuldades e dos perigos que corre nesta nova existência. Por outro lado, o próprio fato de nos encontrarmos nas vésperas da Era Cósmica, de pesquisas e viagens espaciais, exige a introdução do estudo

preparatório dos fenômenos paranormais nas escolas de todo o mundo. Uma Educação para a Era Cósmica requer a aplicação dos princípios fundamentais do Espiritismo nas escolas. A percepção extra-sensorial já foi considerada pelos norteamericanos e pelos russos como instrumento indispensável nas viagens siderais. Como provou Mitchel, na Apollo 14, com suas transmissões telepáticas da Lua para a Terra, só através da telepatia são possíveis as indispensáveis comunicações entre as naves espaciais a grandes distâncias. A preparação de astronautas exige a educação das faculdades paranormais dos candidatos.

Tudo se encadeia no Universo, como ensina Kardec, numa sequência que a realidade impõe ao nosso conhecimento. E quanto mais descobrimos essa verdade, mais ela se projeta em todas as dimensões da nossa cultura. O nascimento de uma criança, a sua educação e preparação para a vida, incluindo os problemas do vampirismo, abrangem toda a problemática da conquista do Cosmos e da nossa possibilidade de enfrentar e dominar as vastidões do Infinito com as faculdades paranormais (mediúnicas) que trazemos latentes em nossos espíritos e prontas a se desenvolverem. Só as criaturas desprovidas do mínimo senso comum não perceberão que a Era Cósmica também marca o advento da Era Espírita. Não são os governos do mundo, mas as leis de Deus que determinam esses progressos inevitáveis. Os homens tratam desses problemas pensando no aumento dos seus poderes, mas as leis naturais servem ao Poder de Deus.

O autovampirismo e o animismo se assemelham nas causas, no conteúdo e nos efeitos, sendo ambos considerados, no meio espírita (particularmente entre nós, no Brasil e em toda a América Latina) como elementos perturbadores da prática espírita, mas na verdade constituem processos de grande valia para o estudo doutrinário de elementos probantes dos princípios fundamentais da doutrina. Tanto num como noutro estamos diante de processos autofágicos, determinados pelo solipsismo, pela introversão do ser, no seu apego natural a condições hipnotizantes das fases do onto-desenvolvimento. Por isso Jesus advertiu: “Quem se apega à sua vida, perdê-la-á, mas quem a perde por amor de mim, esse a salvará”.

No autovampirismo a vítima de si mesma se come por dentro, devora e suga as suas entranhas. É esse um fenômeno tipicamente *endopport-sensorial*, excitado pelas sensações internas das exigências genéticas do corpo. O ritmo repetitivo da atividade sexual sobe da libido como um monstro esfaimado e insaciável, dominando todo o sensório e atingindo a mente, onde a visão espiritual é perturbada e contagiada, entregando-se ao delírio das imagens alucinantes de gozos e êxtases sensoriais. É a própria vítima que atrai, então, os vampiros que passam a assediá-la. Forma-se assim o círculo vicioso que leva a vítima à sua auto-destruição. A coragem interna, carregada de forças hipnóticas, amplia-se e aprofunda-se com a infestação dos elementos exógenos atraídos e mantidos em cativeiro pela vítima. O esgotamento desta é controlado pelo envolvimento de outras vítimas. Por isso, o obsedado nazareno respondeu a Jesus, que perguntava pelo seu nome: “Eu me chamo Legião”.

Esse terrível processo autofágico se eternizaria num crescendo alucinante, se Jesus não o detivesse com a sua autoridade espiritual. O importante é notar que todos os elementos desse processo vêm do passado, provando tragicamente, aos olhos dos pesquisadores a existência da reencarnação individual e em grupos e a necessidade dos trabalhos mediúnicos de desobsessão. Não conhecendo e não aceitando (anticientificamente) a realidade dessas situações, os psicólogos e os psiquiatras modernos não encontram meios de solucionar os casos que são levados às suas clínicas e acabam apelando para as tentativas absurdas e criminosas de revestir de uma normalidade falsa e de consequências fatais as condições evidentemente anormal e patológica das vítimas. Nas sessões espíritas, formando-se o ambiente mediúnico apropriado, o círculo vicioso é submetido à pressão das correntes de ectoplasma emanado dos médiuns (de que tratou o Dr. Geley) e dos fluxos de pensamentos benéficos e calmantes dos seus participantes. Dessa maneira, e com o auxílio das entidades superiores que atendem aos esforços fraternos das criaturas empenhadas no caso, a voragem negativa se desfaz, cabendo à vítima, dali por diante, não recuar na sua decisão de

libertar-se. A sabedoria popular exprime essa situação no conhecido ditado: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”.

Nos casos de animismo nas manifestações espíritas comuns temos a mesma situação regressiva. O médium, caindo em transe, perde parcial ou totalmente o domínio da mente e mergulha nos resíduos de suas experiências passadas. Uma de suas personalidades anteriores reconstrói-se na sua afetividade subliminar e reponta na manifestação mediúnica. Richet, na França, e Ímoda, na Itália, verificaram casos de sincronia de personalidades numa mesma manifestação; mais recentemente alguns parapsicólogos eminentes, como Carrington (Cambridge) e Soal (Londres) verificaram a influência de padrões da memória projetando-se nas manifestações. Nos grupos de pessoas humildes, inscientes, essas manifestações seriam condenadas como *anímicas* e o médium sofreria a pressão do grupo sobre ele, como se estivesse fraudando.

No caso de manifestação de personalidades anteriores totais trata-se de uma catarse total, que Freud nem sequer sonhou. Essa personalidade, formada de lembranças subliminares, passa à consciência supraliminar e se manifesta por um motivo evidente: ela pesava na economia psíquica do médium e influía negativamente no seu comportamento atual. Ao invés de ser expulsa da sessão como figura perturbadora, devia ser tratada com a devida compreensão para se dissipar na memória do médium. Os casos de dupla personalidade pertencem geralmente a esse campo de interferências, quando não se enquadram simplesmente na classe das manifestações mediúnicas conscientes, por incorporações simples. Charcot analisou um desses casos ao vivo, numa de suas aulas, como relata Miguel Vives, mas recomendando aos discípulos que não se adiantassem na formulação de nenhuma teoria. O mestre se confessava na situação de Édipo diante dos enigmas da esfinge. Hoje, na Universidade de Moscou, o Prof. Wladimir Raikov investiga seriamente esses casos, afirmando que eles afetam pesadamente o comportamento de muitas pessoas que recorrem à Psiquiatria sem nada conseguir. A solução de todos esses mistérios é uma só: a mediunidade, que Kardec usou para abrir as portas do futuro à investigação científica séria.

Das aves de rapina às manifestações de dupla personalidade, e não raro aos casos de esquizofrenia, as pesquisas da Ciência Espírita e da Metapsíquica, e agora as da Parapsicologia, formam toda uma seqüência que não pode ser desprezada pelos que pretendem realmente ajudar o avanço científico. O desprezo por esse acervo riquíssimo demonstra, como dizia Kardec, a levianidade do espírito humano. Descartes advertiu os pesquisadores contra dois perigos fatais: a precipitação e o preconceito, lembrando ainda que temos a tendência errônea de confundir a alma com o corpo. Os pesquisadores não lhe deram ouvidos e hoje assistimos ao pandemônio das mais lamentáveis confusões. Os sistemas caíram há muito tempo no campo filosófico, mas os sistemáticos procuram ainda sustentar a sua frágil e enganosa estrutura, opondo seus sistemazinhos de matéria plástica à dura e irreduzível realidade dos fatos. Precisamos compreender que a teimosia humana sempre tem de ceder ante o avanço dos conhecimentos.

Vampirismo telúrico

O vampirismo telúrico é o exercido pelo homem na face do planeta. Os vampiros somos nós, que exaurimos com a nossa voracidade os recursos da Terra. Mas temos de iniciar a nossa apreciação do problema no plano humano, no processo das relações sociais e particularmente no das relações interpessoais, com que se preocupou o Dr. Herenwald em seus estudos e suas pesquisas clínicas, como psicanalista e parapsicólogo, em seu livro *Telepatia e Relações Interpessoais*. Segundo as suas observações, em todos os locais de vivência e trabalho a convivência humana pode degenerar em processos obsessivos produzidos pelo homem, sem intervenção inicial dos espíritos, que só mais tarde são atraídos por intermédio da fofoca. Nesses casos, em geral, as entidades vampírescas acabam integrando-se no meio, imantadas pelo magnetismo negativo do conluio contra uma ou mais pessoas do conjunto.

Como resultado de seus estudos a respeito, Herenwald propôs o acréscimo, ao método quantitativo (sob controle estatístico) e qualitativo (mais recente) da Parapsicologia, do método significativo da Psicologia. É o que realmente se faz nos grupos espíritas de pesquisa e trabalho mediúnico integrados por pessoas capacitadas para tanto. São poucos os grupos com objetivos científicos; a maioria se aplica ao estudo doutrinário e à prática mediúnica em sentido religioso. Só poderemos falar em Ciência Espírita no Brasil quando tivermos pelo menos uma Universidade Espírita que disponha de condições tecnológicas e pessoal especializado para realizações sérias. O que temos entre nós e em toda a América Latina são trabalhos isolados, geralmente de pessoas não qualificadas. Para sairmos desse impasse e darmos um impulso real à Ciência Espírita, necessitamos de homens de recursos financeiros e elevada compreensão do sentido da doutrina e do seu papel no desenvolvimento cultural dos novos tempos. Ainda chegaremos lá, se Deus quiser.

Kardec definiu com absoluta clareza a razão do aparecimento da Ciência Espírita num mundo em que todas as formas de

Ciência foram reduzidas a uma só face da realidade – a material – e a ela confinada. Toda a realidade espiritual foi simplesmente posta de lado como suspeita. Diante dessa arbitrariedade dogmática da Ciência, que respondia ao desafio da Igreja no seu mesmo plano e pela mesma forma arbitrária, só restou aos que não aceitavam nenhuma das duas arbitrariedades e aos espíritos livres e insubmissos recorrerem à pesquisa individual. Foi o que fez Kardec, atirando-se corajosamente ao trabalho solitário de investigação rigorosamente científica dos fenômenos mediúnicos.

Graças a esse rigor e a uma visão superior do problema, do impasse em que caíra o desenvolvimento cultural, Kardec diagnosticou com segurança o estado patológico do mundo e receitou o remédio certo: ampliação dos conhecimentos humanos para favorecer a ajuda espiritual das entidades protetoras do planeta. E sozinho quase sempre – na dura solidão dos que avançam sobre o seu tempo –, assessorado às vezes por assessores de vistas curtas (no plano humano), conseguiu preparar a fórmula salvadora e arrancar o conhecimento das garras vampírescas de homens e espíritos fascinados pelas ilusões terrenas.

Para compreendermos a sua posição no processo cultural ainda em desenvolvimento, basta vermos que a Ciência do Espírito permanece ainda hoje como marginal na cultura terrena. Ainda hoje os homens não perceberam – apesar das doenças, da morte, das guerras, das bombas atômicas e nucleares, das voragens do câncer e dos enfartes – não despertaram a percepção da fragilidade da criatura humana e da imortalidade e grandeza do espírito. Continuam cegos, surdos e mudos ante o enigma de sua própria natureza e de sua essência.

Por isso o vampirismo transformou-se na endemia planetária que cresce e se alastra mais rápida que o tempo. Kardec foi o pioneiro da investigação científica do espírito e o protótipo do cientista dos milênios futuros. Todas as Ciências do Paranormal e do atomismo nasceram das suas mãos de vasculhador da dupla realidade humana e terrena. Mas onde estão os seus continuadores, que não reconhecem na Estrada de Emaús o partir do pão? Nesse gesto familiar os discípulos do Cristo o identificaram na

estalagem pobre, à beira da estrada. Kardec repartiu sem cessar o seu pão entre os poucos discípulos que lhe foram fiéis e os vários Judas que do seu tempo até os nossos dias continuam a traí-lo. E nenhum desses discípulos o reconhece nas suas obras, negando-a na estrada marginal que ele trilha, humildemente recolhendo e orientando as crianças errantes, que os grandes mestres da Terra abandonam à margem da cultura. Fiel a Pestalozzi, esse ladrão de crianças de um novo tipo, segundo o chamaram nos meios pedagógicos, Kardec ainda sonha com o Castelo de Yverdon dos novos tempos, que o vampirismo esconde em suas negras revoadas de morcegos sobre toda a Terra.

Os judeus preferiram Barrabás, que pelo menos lutava pela libertação de sua terra e de suas tradições espirituais. Os espíritas de hoje farejam supostas reencarnações do mestre nas veredas escusas da mediunidade aviltada, como se ele, Kardec, fosse também um espírito errante que não se fixou nos planos elevados e espera uma ordem para descer de novo à reencarnação.

Analisemos rapidamente a ação de Kardec na Terra para vermos se a sua obra se completou ou não em sua última viagem a este pobre e desfigurado planeta. Ele provou a dupla natureza da Terra, como um mundo hipostásico semelhante ao Plotino. Esse mundo, que é a realidade física em que vivemos, se constitui de dois elementos fundamentais: espírito e matéria. Mostrou que o homem se deixara fascinar pela matéria, a ela se agarrando como náufrago do espírito e entregando-se apenas à Ciência da Matéria.

Para corrigir esse desvio de percepção humana, fundou a Ciência do Espírito, que devia desenvolver-se *pari passo* com a sua parceira. Mas a Humanidade terrena quis tocar com o dedo de Tomé as chagas da traição, que estão nos estigmas da própria condição humana, pelos cientistas materialistas. Esses Tomés frustrados condenaram por falência própria a Ciência do Espírito. Não obstante, o espírito não desapareceu, tragado na voragem das superstições que a Ciência material reduziu à nadificação sartreana. O espírito continua aí, estruturando a matéria e dando-lhe a consistência ilusória de que os homens necessitam para viver. E a partir dos fins do século passado começaram a surgir

novos rebentos da Ciência do Espírito, todas elas moldadas no esquema de pesquisas de Kardec e obedientes aos processos metodológicos do mestre. Kardec voltou, não no corpo material que os materialistas conhecem, mas no corpo espiritual da sua concepção do mundo e do homem.

Ninguém o vê ou o encontra reencarnado, mas ele está presente no desenvolvimento da ciência que fundou e plantou no chão do planeta. A Metapsíquica, a Biopsíquica, a Física Transcendental, a Medicina Psicossomática, a Parapsicologia, a Antropologia Cultural aí estão, aos nossos olhos e ao alcance dos nossos dedos. A obra de Kardec, completa e perfeita como uma semente com todas as suas potencialidades invisíveis, foi inteiramente completada pelo seu fundador. E tanto assim é, que germina na própria aridez da cultura materialista. Kardec responde: “Presente!” toda vez que o chamam no âmbito dessas ciências.

Os que alegam ser ela uma obra do século passado, portanto perempta, não a conhecem. São geralmente criaturas pretensiosas e inscientes, incapazes de compreender o valor e a significação de um trabalho dessa natureza. Quem não estudá-la com afincos e atenção poderá iludir-se com a sua aparente simplicidade. Mas essa simplicidade, numa obra que trata de assuntos tão profundos, só os gênios a conseguem.

Como o *Discurso do Método*, de Descartes, toda a obra de Kardec é estruturada numa síntese didática em que uma palavra ou uma frase lida sem atenção impede a compreensão de problemas fundamentais, principalmente nas cinco obras da Codificação.

Feita esta digressão necessária, indispensável à boa compreensão do tema, podemos voltar a ele. O vampirismo telúrico propriamente dito é uma deformação do parasitismo natural em que vivemos no planeta, dele tirando tudo quanto necessitamos para a nossa existência terrena. Os que viveram em tempos mais felizes do que o atual, do começo aos meados do século, sabem que a vida era mais calma e feliz, as coisas estavam mais à mão e a natureza nos oferecia a sua face maternal e protetora por toda parte. O progresso, gerando e desenvolvendo a civilização, como

já acentuava Kardec, nos tempos da *belle époque*, criou novas necessidades para o homem, complicou-nos a vida e levou-nos rapidamente a uma atitude vampiresca em relação ao planeta, devastando-lhe as matas, poluindo-lhe a atmosfera no desencadeamento de ambições desmedidas. Nada escapou a essa fúria de enriquecimento rápido, de alienação do espírito nas comodidades do supérfluo.

Perturbamos por toda parte os processos mesológicos naturais, mudamos violentamente o modo simples de viver e caímos na armadilha do pedantismo e da sofisticação. Desnaturalizamos. Rompemos as nossas relações normais com a Natureza e passamos a explorá-la com violência, a abusar da sua generosidade e da hospitalidade que nos oferecia com gratuidade e bondade. Podemos dizer, com Rousseau, que sofremos a queda na mundanidade, perdendo a bondade natural que Deus nos concedera no Éden dos primeiros tempos. Vampirizando-nos mutuamente, vampirizamos a Natureza, exaurindo os seus recursos, que pareciam inesgotáveis, e tivemos de sofrer as consequências desse abuso criminoso e suicida. Kardec advertiu que essas fases de progresso acelerado nos levam para condições melhores, mas parece que as perspectivas terrenas tornam-se cada vez mais ameaçadoras. Isso porque entramos num delírio de vampirização, decorrente da falta de nossa indispensável compreensão espiritual do mundo e da vida. Deus não nos pune, não nos castiga, pois seu objetivo é a evolução, o desenvolvimento de todas as nossas potencialidades divinas. Mas leis – que são todas as leis naturais e não apenas as leis morais da consciência, constituem-se de ação e reação, que muito bem conhecemos. Conscientemente, portanto, nos castigamos a nós mesmos, desencadeando, com nossas ações inconscientes, as inconscientes reações das coisas e dos seres. Se não acordarmos a tempo desse delírio, recorrendo à razão para encontrarmos novos caminhos, seremos levados à loucura e ao genocídio.

A Humanidade será asfixiada em seus próprios abusos, na devastação das bombas atômicas, entre as quais já figura a bomba suicida por excelência, a bomba de nêutrons que não

deixará nenhum sinal de vida no planeta transformado em tóumulo sideral.

Mas como na natureza nada se perde, tudo se transforma, seremos transformados em criaturas marcadas pela terrível experiência, que voltarão a povoar a Terra em outros tempos, inimaginavelmente longínquos. Então talvez nos lembremos, na Terra que renascerá esperançosa, de que somos espíritos e não bichos dotados de uma inteligência mal empregada nas garras do vampirismo.

Segundo a teoria do Universo Oscilante, de Öpic, lembrando o *eterno retorno* dos gregos antigos, o Universo se abre e fecha no Infinito, em sístoles e diástoles, como um coração gigantesco. Nessas oscilações marcadas por um ritmo de milhões de anos, os mundos como o nosso desaparecem e voltam a se recompor. Seria esse o ritmo da evolução universal.

Seja assim ou não, o fato é que o eterno retorno das coisas e dos seres se confirma cientificamente nas micro-pesquisas permitidas pelo sensorio humano. Mas o *eterno retorno*, como podemos ver, também na estreita faixa de nossas experiências, não é repetitivo, mas progressivo, realizando-se em espiral evolutiva. Raine Maria Rilke se considerava como um falcão voando, em círculos crescentes, em torno de uma torre milenar – Deus –, para atingir, se possível, a última espiral no Infinito. Faremos como ele ou cairemos exaustos numa espiral inferior, subjugados pelos vampiros.

Isso depende de nós. Se tratarmos de sustentar o voo na direção das alturas, teremos a nosso favor as forças da evolução. Se nos sentirmos desprotegidos e chamarmos as revoadas vampíricas em nosso auxílio, voltaremos ao chão do planeta. Não podemos impedir que os vampiros nos sigam e pousem em nossas cabeças, mas podemos afugentá-los para pensar e querer por nós mesmos.

No vasto processo universal do vampirismo aprendemos a lição de responsabilidade individual intransferível. Afetando-nos com os seus prejuízos, o vampirismo mostra a necessidade de nos libertarmos de toda a dependência e sujeição, para agirmos

por nós mesmos, confiantes em nossas forças. A dependência de outro ou de outros é sempre uma prova de infantilismo. A criança vampiriza a mãe desde a vida intra-uterina até aprender a alimentar-se por si própria.

Os filhos vampirizam os pais. A família se mantém, geralmente, no sistema das vampirizações mútuas ou recíprocas. Nas classes e agrupamentos sociais o vampirismo é coletivo e até mesmo massivo. As cúpulas sociais vampirizam as classes inferiores de maneira consciente e metódica, fazendo das estruturas sociais poderosos sistemas vampirescos regulamentados por leis. No interior dessas estruturas o vampirismo endógeno se desenvolve nas relações de trabalho, em que as necessidades vitais determinam a aparição de grupos de subvampirismo perfeitamente organizados.

Os trabalhadores dependem uns dos outros, e por força dessa dependência o vampirismo reponta de todos os lados, travestido de protecionismo. As vampirizações ideológicas são as mais evidentes e perigosas em suas atividades proselitistas e dominadoras.

O vampirismo é bifronte: protege e suga ao mesmo tempo as suas vítimas indefesas. Esse quadro social do vampirismo telúrico pode ser atenuado em suas cores por um regime político aberto e portanto democrático, em que se procura harmonizar os direitos individuais com os deveres coletivos. Mas contra isso militam as forças de padronização milenar e universal, da mentalidade acomodatória, do horror ao caos e da reprovação legal. O vampirismo é assim a doença congênita e constitucional do homem, que dele só pode libertar-se através do desenvolvimento de uma consciência plena e ativa dos deveres e compromissos da vida em sociedade. Só há uma saída para a liberdade: a Consciência.

Dinâmica da consciência

A consciência é o centro dinâmico do ser, estruturado pela essência das experiências sofridas e vividas através da evolução criadora. Não há propriamente uma ontogênese, pois o que geralmente se define com essa expressão é o desenvolvimento da mônada em suas potencialidades divinas. A mônada é a centelha do pensamento do criador de Deus que encerra em si o esquema arquetípico do homem.

Quando dizemos *homem* não nos referimos a este ou àquele homem, mas à ideia do homem, segundo a teoria platônica. O *Mundo das Idéias*, de Platão, é o pré-mundo das rés, da coisa objetiva, sensível, passível de captação pelo sensório. A centelha criadora do pensamento divino (de Deus) projetada, una e perfeita, no caos da matéria, estrutura a mônada, partícula infinitesimal do átomo e das partículas atômicas. A primeira estruturação da matéria pela centelha divina é a da mônada, que se reveste de matéria, coisificando-a, ou seja, tornando-a coisa, objeto sensível, material. Essa é também a primeira manifestação do espírito na matéria. Esse é o momento da criação, que as religiões simbolizaram no *fiat* ou *faça-se*, a palavra de Deus ordenando o mundo na Gênese.

Kardec apresenta a matéria como dispersa no espaço cósmico e sendo estruturada pelo espírito. O mundo, que era apenas ideia, coisifica-se no primeiro ato de materialização das formas ideais produzindo a mônada e a seguir produzindo o mundo.

Os sete dias da criação do mundo simbolizam sete instantes do processo criador de toda a realidade.

Tudo o que chamamos de real (expressão que vem de *rés*, coisa) é ideia transformada em coisa. Por isso podemos dizer que a consciência é uma coisa essencial do homem, que representa a natureza humana.

Dessa maneira, a consciência é, em si mesma, dinamismo interno e estático, dotado das funções de projeção externa da mente e da inteligência. A mente capta a realidade através do

sensorio, pensa e transmite pensamentos através do cérebro, e a inteligência penetra no sentido dessa captação, analisando a natureza das coisas e estabelecendo as conotações para prática racional do entendimento no mundo. É ligação direta da consciência com o mundo arquetípico, deslocando a mente do sensorio para a superação do mundo fragmentário da matéria.

Para Fredrich Myers a mente se divide em supraliminar, destinada a operar no plano da realidade sensível, e na mente subliminar, cujas funções se referem ao plano do inteligível ou suprasensível, correspondente ao mundo arquetípico.

Compreendendo este esquema, embora toscamente esboçado, podemos avaliar os recursos de que o homem dispõe para enfrentar e resolver o problema do vampirismo, no controle consciencial do seu comportamento. A vontade, que é potencialidade instintiva, posta em ação pela mente, dispõe sempre de energias vitais para repelir as tentativas de infestação vampiresca. Pelo treinamento da vontade, afugentamos o medo e a covardia instintiva da animalidade, que são os principais colaboradores do vampirismo.

Pela inteligência cultivada e treinada arrancamos a mente dos planos de instintos destruidores do vampirismo e a elevamos aos planos superiores do espírito. A batalha é longa, difícil e penosa, mas a vitória conseguida investe o homem nos seus poderes superiores, reajustando-o na sua posição e no seu comportamento humanos, que os distingue das espécies animais.

A tragédia humana decorre da contradição constitucional do homem, na dualidade espírito-matéria, que o obriga a carregar o fardo da animalidade no roteiro da angelitude. Como pode um aspirante a anjo arrastar pelas encostas do Olimpo essa carga imantada de magnetismo terreno? O conceito de Unamuno, de que o homem é um drama, corresponde bem ao que chamamos de condição humana. A dramaticidade da existência gera vários tipos de contradição, como: sentimento de fragilidade e ambição de poder, apego à matéria e aspirações espirituais, instinto vital e certeza de morte, anseio de paz e exigência de guerra, busca da verdade e necessidade da mentira, amor e ódio e assim por diante, numa sequência infundável de oposições inconciliáveis no

ser que só pode ser uno e tem de desdobrar-se e multiplicar-se para atingir a sua integridade ôntica.

Camus apresentou esse caos no Mito de Sísifo, o ser que rola sem cessar o tonel pela colina acima e o deixa voltar para baixo para de novo o levar para cima, e isso sem interrupção. Sartre exclamou: “O homem é uma paixão inútil.” Mas todas essas figurações partiram de um pressuposto único, o da natureza exclusivamente material do homem. Quando adicionamos a essa visão trágica o conceito de espírito, tudo se modifica. Foi o que fez Kardec, mostrando que todas as contradições do homem são dialéticas e se resolvem nas sínteses superiores do desenvolvimento de potencialidades divinas. O alvo da angelitude é atingido quando o homem, vencendo todas as contradições, descobre em si mesmo o poder do espírito, fazendo-se espírito na duração, que é a imortalidade num conceito dinâmico e não estático da imortalidade. Por isso, Heidegger afirmou, como filósofo do ser e não da existência: “O homem se completa na morte.” Ao dizer isso, o filósofo matou a morte, o que vale dizer que o amor da sabedoria, ou a sabedoria do amor (como disse Platão) matou a escravidão da carne.

René Hubert, neokantiano, sustenta hoje que o homem é consciência em desenvolvimento. E apresenta-nos a dialética da consciência em termos auspiciosos. A consciência prática do homem comum evolui para e contra a consciência teórica do aspirante à sabedoria. A fusão dos contrários (não a contradição, mas a fusão, segundo a tese de Hamelheim) resolve-se na síntese da consciência estética, em que predomina o sentimento do belo e da harmonia. Torna-se então possível na Terra a implantação da República dos Espíritos, fundada na solidariedade das consciências.

A perspectiva dessa mudança, que coincide com o sonho cristão do Reino de Deus na Terra, parece alongar-se ao infinito. Mas, de qualquer maneira, Hubert nos acena com uma esperança e ao mesmo tempo justifica a situação atual como transitória. Ingenieros, em *O Homem Medíocre*, assinala a predominância asfíxica no mundo. Não obstante, admite que a evolução cultural possa aumentar as fileiras dos sonhadores, que, por sua

superioridade consciencial de elite pudessem transformar a realidade desoladora dos nossos dias. Por outro lado, a teoria de Karl Mannheim sobre a utopia, considerando-a como precognição de realidades, pode também alentar as nossas esperanças. Kardec, num estudo sobre a evolução social do planeta, acena-nos com a vitória, que considera inevitável, da Aristocracia Intelecto-Moral, que daria o governo do mundo aos grupos superiores. O desenvolvimento intelectual da Humanidade, *pari passu* com o desenvolvimento moral, liquidaria com os últimos resquícios de barbárie no planeta.

Claro que a moral prevista não é a comum, essa moral fechada que nasce dos costumes e das sacristias, mas a moral aberta de Bergson, determinada pela consciência estética.

Os interesses práticos dos homens são alimentados na ganância, na cobiça e no egoísmo da maioria, provocando o vampirismo voraz. Mas não há dúvida que as condições conflitivas no jogo das consciências práticas não serão resolvidas por si mesmas. E podemos contar com as aspirações da alma humana; essas *vagas aspirações* de que trata Kardec tornam-se mais vigorosas na proporção em que o homem se aproxima da sua realização como espírito.

O materialismo nada mais oferece aos homens do que o nada ilusório das conquistas materiais, com a nadificação final no túmulo ou na vala comum. De outro lado, o espiritualismo propõe a solidariedade humana na Terra e a beleza e harmonia nas hipóstases espirituais de Plotino, os mundos superiores em que as utopias se tornarão realidades vivas. Não se trata de hipóteses ou estórias do lobo mau inventadas por videntes alucinados ou teólogos perturbados por visões místicas, mas de realidades concretas confirmadas por múltiplas e rigorosas pesquisas científicas. Só podem duvidar dessas realidades, em nossos dias, as criaturas culturalmente desatualizadas, os espíritos levianos e os espíritos sistemáticos, ainda hoje prisioneiros no leito de Procusto. Quem possua alguns conhecimentos de Ciência e acompanhe a corrida científica atual, em que se empenham as maiores potências mundiais e os mais respeitáveis centros universitários do mundo, sabe, mas sabe mesmo, com

dados positivos e irrecusáveis nas mãos e um pingo de luz no cérebro, que a realidade da sobrevivência do homem à morte do corpo é tão certa como o fato de haveremos nascido e termos de morrer.

As religiões atuais, monstros antidiluvianos, remanescentes das épocas de terrorismo clerical, essas pobres religiões encaquilhadas na velhice de seus crimes assombrosos, lutam hoje para escapar ao dilúvio de terrores que lançaram na Terra, desmentindo-se agora a si mesmas, negando as supostas verdades de seus dogmas e de suas fogueiras santificadoras e sustentando ainda a existência do Bicho Papão que rouba as almas de Deus para os caldeirões do Inferno. Representam os últimos resquícios do misticismo do terror, tomando agora ares de defensores da liberdade e da dignidade humanas. Peremptas, esclerosadas, desprovidas de uma só gota de sangue nas veias murchas, dispõem apenas de uma sobrevida concedida por médicos que não acreditam em si mesmos. A sucessão das gerações, como previu Kardec, exterminará fatalmente os derradeiros sinais desses vampirismos organizados que devastaram o planeta em nome de Deus. E tanto assim é, que os teólogos modernos, temerosos de enfrentar Aquele de cujo nome abusaram por milênios, sem procuração, resolveram instalar com urgência o complô teológico da morte de Deus, tendo à frente a fanfarra festiva e inconsequente das novas teologias radicais nascidas nos campos de concentração e nas câmaras de gás da última conflagração mundial.

Os problemas de consciência, no tenebroso passado teológico, resolviam-se no confessionário, onde os clérigos piedosos perdoavam pecados por conta própria. Os homens de então se blasonavam de serem os *homens do rito*, geralmente maçons ou clérigos. Do ritualismo das civilizações soterradas nos desertos das sobrevivências supersticiosas de civilizações peremptas, os rituais, os sacramentos, as bênçãos e as maldições formavam as estruturas fictícias dos cultos tenebrosos com os resíduos brutais, mágicas baseadas no sangue, no cilício masoquista e na morte. A cruz romana, sacrifício infamante, era transformada em símbolo sagrado, porque nela, entre dois condenados infelizes, os rabinos

do Templo de Jerusalém fizeram morrer, sangrando e escarnecido, o Redentor da Humanidade. E se até o Messias sofrera esse castigo infamante, por que estranha razão os hereges comuns, desprovidos de imunidades sacerdotais, não podiam ser queimados vivos para, com o suplício do fogo passageiro da Terra, possivelmente se livrarem do fogo eterno dos caldeirões do Diabo, onde frigiriam por toda eternidade? Santo Agostinho, que se nutria em Platão, chegou a afirmar que a maior delícia das almas bem-aventuradas, no Céu, era verem as almas desgraçadas em estertores, quando mãos diabólicas ou piedosas levantavam a tampa dos caldeirões do Inferno. De toda esta imensa miséria cultural e moral nascia ao mesmo tempo, como irmãs siamesas, a fé cega, que não precisava de vendas da Justiça nos olhos vazios, e o sacerdócio de paramentos doirados e a púrpura sanguínea das matanças à espada.

A consciência humana dormia nos socavões do inconsciente e o vampirismo se alastrava pela Terra de Caim nos aleijões humanos. Falar em consciência era ameaçar camponeses e sábios com a condenação passageira e cruel dos tribunais sagrados e a condenação eterna, irremissível, da ira de Deus.

Os traumas desse terror sem limites esmagam ainda hoje a todos nós, algozes e vítimas ao mesmo tempo na esteira das vidas sucessivas. A introjeção desses vagalhões de terror no inconsciente coletivo foi o único dilúvio verdadeiro que avassalou não apenas o planeta, mas toda a Humanidade. A repressão dos instintos genéticos, as autoflagelações místicas, as abstinências forçadas pelas ameaças sobrenaturais, o celibato obrigatório levando ao fingimento e à hipocrisia sistemáticos produziram frustrações, recalques, perturbações e aviltamento de personalidade em multidões de criaturas por quase dois milênios. A dolorosa e pesada safra, semeadura de aleijões afetivos e espirituais, caiu esmagadora sobre nosso século.

Uma psicanálise dessa realidade escabrosa mostraria que ela fez mais vítimas do que todas as pestes que devastaram o mundo nesses tempos e que, ainda hoje, intelectuais também marcados e deformados por ela querem justificar e não raro até mesmo exaltar. A cultura medieval, como denunciou Huxley, foi um

impacto da impostura no mundo cristão em elaboração que tentava formar-se nos alicerces do Evangelho sonegado ao povo. A simonia mais escandalosa corroeu as boas intenções dos que sonhavam com o Reino de Deus na Terra.

O homem é um ser religioso, trás em seu íntimo a lei de adoração, que o leva, ante os obstáculos e as ciladas de uma realidade mundial atormentada, a adorar desde as vacas e os macacos da Índia até os ídolos precários das religiões vampírescas e os charlatães que se fazem de santos e profetas gananciosos, missionários por conta própria. Só a dinâmica renovadora da consciência desperta, vigilante e ativa, capaz de integrá-lo nas suas responsabilidades pessoais e intransferíveis, poderá salvá-lo das novas fascinações do vampirismo solerte nesta hora de transição para uma nova fase histórica. O conhecimento real, e portanto científico, da sua natureza espiritual é dever inalienável de todos os que se sentem capazes de contribuir para o despertar das consciências ainda adormecidas. Somos nós que fazemos o mundo dos homens em que vivemos. Deixar que outros o façam em proveito próprio é trair-nos a nós mesmos, à Humanidade sofredora e ao destino superior que Deus nos concedeu.

Vampirismo cósmico

Considerado o vampirismo em seu aspecto natural de lei simbiótica que rege as trocas em todo o Universo, não podemos esquecer a sua importância no plano cósmico. Já vimos que o vampirismo negativo decorre de alterações nessa lei, sendo portanto anormal. A anormalidade provém precisamente de desvios ocorridos no processo simbiótico, deturpando-lhe a finalidade, desfigurando-lhe o processo normal e benéfico, tornando-o agressivo e pernicioso. A palavra vampirismo, por isso mesmo, é a que melhor define as deformações desse processo. No vampirismo cósmico, ao que parece, as deformações não levam a alterações prejudiciais, mas apenas a desvios de órbitas e outras perturbações logo refeitas pela mecânica celeste. Isso, sem levarmos em conta a possibilidade, cada vez mais evidente, da existência de populações cósmicas, de seres humanos semelhantes a nós.

A estrutura do nosso sistema solar nos oferece um esquema típico de vampirismo. Os planetas e satélites giram em torno do astro superior, a distâncias equilibradas, sugando as energias solares como vampiros astronômicos. Mantêm-se em órbita graças às forças centrípetas e centrífugas do Sol. A lei de dependência está bem evidente no sistema. As comparações, hoje muito usadas, do sistema solar com os átomos nos revela a universalidade do sistema e o entranha na própria estrutura da matéria. Acentua-se assim a naturalidade dos processos vampíricos, que vão do alfa ao ômega da própria constituição cósmica.

Reservamos o adjetivo *vampiresco* para qualificação dos processos anormais e o adjetivo *vampiro* para os processos normais.

O problema da Lua sugere uma dúvida: a extinção da sua atmosfera não teria sido produzida por ação sugadora do Sol ou da própria Terra? Mas isso não afetaria em nada a questão, pois de qualquer modo a verdade é que essa possibilidade reforça a do vampirismo cósmico. A Lua também é vampirizada pela Terra, através da ação também vampírica das múltiplas influências lunares sobre o planeta, em todos os sentidos. As pedras lunares

que os astronautas norte-americanos foram buscar precisamente no satélite, são encontradas em abundância aqui mesmo, pois a Terra as atrai continuamente. Terra e Lua formarão no futuro um sistema integrado de trocas, segundo projetos já existentes para utilização terrena do mundo lunar. Então a lua se tornará muito mais romântica e poética do que é hoje, será uma espécie de Shangrilá do espaço sideral, com suas casas de vidro e jardins de estufas, impregnados do magnetismo suave de um mundo morto que ressuscita. Enganaram-se os que proclamaram a extinção do romantismo lunar, quando os homens começaram a andar sobre ela em saltos de canguru. A Lua se enriqueceu naquele mesmo instante, com a concorrência das primeiras façanhas humanas em solo de areias e crateras. A imaginação dos poetas e dos romancistas conta hoje com mais elementos românticos para tratar da Lua em suas obras.

Desde o momento em que não foi encontrado nenhum sinal de vida na Lua, a solidão astral do planeta tornou-se muito mais excitante para a imaginação onírica. A possibilidade de urbanização futura do satélite, com o transplante de flora, animais e gente para a Lua, restabelecendo-se a sua atmosfera por meio de um reflorestamento artificial, revelará um aspecto novo das manifestações vampíricas nos cosmos.

A terra começará a pagar à Lua o que lhe deve, há milhões de anos, pelas influências benéficas do satélite sobre sua atmosfera e o seu solo, no controle das marés oceânicas, na vida de sua vegetação, sua fauna e sua população, e até mesmo no controle, recentemente descoberto, que exerce sobre as erupções vulcânicas, necessárias ao alívio da pressão interna da pirofera terrena. Viajar para a Lua não será apenas um ato turístico da Era Cósmica, mas também ainda um ato de integração do homem no Cosmos, que lhe permitirá devassar as visões secretas da imensidade desconhecida, modificando-lhes os conceitos errôneos que alimenta até agora a grandeza sem limites.

Podendo escancarar a janela da Lua sobre o Cosmos, o homem, acostumado à sua imantação no solo da Terra, sentirá a fascinação de uma realidade nova.

Entregando-se pouco a pouco às romagens no espaço sideral, aprenderá fazendo – pois só assim se aprende – a lição da eternidade dinâmica, em contraste com a estática efêmera da vida planetária. Já se percebem hoje, pelos reflexos das primeiras façanhas astronáuticas – ainda tímidas como os primeiros voos de um pássaro recém-nascido – que a visão humana do mundo e da vida ampliou-se de maneira sensível.

Os cientistas atuais já se mostram mais capazes de aceitar a existência possível de mundos habitados no espaço sideral e de compreender a natureza extrafísica, segundo Rhine, do homem terreno em outras dimensões do real. Essas modificações conceptuais na Ciência quebram a rigidez dogmática do passado, no tocante aos métodos de investigação, pois já demonstraram a falência do sistemático em todos os campos do pensamento perquiridor. O cientista dogmático, inflexível em suas exigências metodológicas, representa hoje a resistência do convencional às novas descobertas que surgem de todos os lados em todas as ciências. Esse cientista aparece como um barqueiro encravado num banco de areia sobre um fluxo de um rio. Mais hoje, mais amanhã, o banco se desfará e ele será atirado nos desafios do futuro como um imprudente.

O problema do vampirismo está fundamente ligado ao do avanço da Ciência, como já vimos. Porque é um problema ontológico, no processo de ajustamento do homem à realidade. Nossa imaginação, ligada às aspirações de transcendência, às exigências naturais de superação do imediato, é ainda estimulada pelos impulsos do inconsciente, movidos pelo instinto espiritual de que tratou Kardec. Esse instinto se nutre das reminiscências de outras vidas, que, segundo Kardec, estimula as nossas tendências de elevação. Ao desenvolver o método socrático da maiêutica em seus estudos, reconheceu que a existência de ideias inatas do homem, de recursos culturais latentes, provava a passagem do espírito por experiências anteriores ao nascimento. Freud, que se manteve nos limites estreitos de uma só vida – recusando-se a penetrar com Jung em maiores profundezas – descobriu o arquétipo secreto da alma, comprovando sem querer a descoberta milenária dos gregos. No vampirismo esses conteúdos ocultos do

passado facilitam o restabelecimento atual dessas afinidades longínquas. A falta de conhecimento desse fato não permite aos psicoterapeutas atuais encarar o problema na sua realidade. Eles se desviam para teorias, mais do agrado do nosso tempo de leviandade, e acocam os processos vampirescos no berço ilusório das sensações sensoriais. Os resultados são deploráveis, como reconhecem as pessoas de bom-senso. A busca de novidades, excitada pelas mudanças desta hora de transição, leva até mesmo especialistas experientes a acreditarem na eficácia dos métodos mais absurdos e aprová-los. Por outro lado, os clientes, já naturalmente perturbados pelo vampirismo e pelos seus próprios desajustes, deixam-se embalar nas práticas desastrosas atuais, sempre dispostos a rejeitar os resultados experimentais em troca de posições mirabolantes, como os sabichões do tempo de Richet.

Confirma-se a verdade pitagórica de que a terra é a morada da opinião. A Ciência rigorosa, mesmo aplicada por mestres de renome, é suplantada pela impostura e inconsequente estardalhaço dos opiniáticos.

Das pesquisas seríssimas da Gestalt, a Psicologia da Forma, que abriu novas perspectivas nos estudos sobre a percepção, tiram-se deduções arbitrárias que rebaixam a Psiquiatria ao nível dos pelotiqueiros de feira. Para combater o medo de cães, psiquiatras e clientes exibem-se em televisões, brincando de cachorros que se cheiram e se lambem, sacodem o rabo ante as câmeras televisoras, para espanto de todos. E se algum cliente assustado consulta sobre isso um psiquiatra sério, é a resposta desconcertante; para obediência à ética profissional, é que se trata de experiências científicas comprovadas. O aviltamento das ciências passa por cima do respeito à ética, do respeito humano e até mesmo da inocência dos cães.

Mas as pessoas ingênuas, amantes de novidades, sentem-se integradas na atualidade, rejubilam-se com a sua capacidade de adaptação aos novos tempos. A moral da fábula, que subsiste apesar de tudo, lembra a ironia de Voltaire sobre a pedagogia da volta à Natureza, de Rousseau: “Temos de voltar a andar de quatro”. A ironia era injusta, o genebrino genial não queria isso,

mas no caso atual podemos parodiá-lo sem medo de injustiça: essa psiquiatria canina quer representar o papel de uma Circe, que com sua varinha mágica transformou os marinheiros de Ulisses em porcos.

Não se pode pensar em extinguir o vampirismo através desta ou daquela medida específica. Na Roma antiga não havia apenas festins mundanos em homenagem aos deuses mitológicos. As procissões em homenagem aos manes, aos ancestrais protetores de famílias, constituíam um tributo de gratidão aos espíritos familiares que afugentavam os vampiros, aqueles mesmos *íncubus e súcubus* que, mais tarde, nos mosteiros e conventos medievais, assaltavam padres e freiras em seus leitos para excitá-los sexualmente. No Egito antigo, com seus templos monumentais, apesar das mumificações dos mortos, usavam-se ritos especiais para afugentar os vampiros, em toda a Mesopotâmia, na velha Catai, que hoje conhecemos por China, no Japão, na Índia, na Pérsia e no Oriente, por toda parte, e especialmente na velhíssima Suméria, de antiquíssimas e assustadoras tradições, entre as quais das procissões nuas, tudo se fazia para afastar os vampiros e suas influências maléficas. Para tratar do vampirismo desses tempos, em que as superstições mais absurdas criavam clima propício às infestações, teríamos de escrever numerosos volumes de história de terror.

O mistério dessas manifestações originou os conceitos de sagrado, *profano e diabólico*, assimilados por todas as religiões e Ordens Ocultistas do mundo.

O desenvolvimento das Ciências Positivas, que deveria substituir as antigas ciências mágicas do passado, esbarrou nas muralhas de superstições e crendices de um passado milenar, que não cedia aos impactos da razão. A elaboração de um cristianismo fantasioso, carregado de elementos mágicos e místicos, permitiu à Europa acolher e absorver as populações bárbaras que derrubaram o Império Romano do Ocidente e mais tarde o Império Bizantino do Oriente. Dessa dialética histórica surgiu a síntese medieval, no maior e mais espantoso sincretismo religioso de todos os tempos, o Catolicismo Romano. Um vasto processo de vampirização em massa, que pretendia dominar todo o

mundo, mas não conseguiu, graças às barreiras levantadas pelas religiões orientais. As Ciências Positivas pagaram caro as primeiras etapas de seu desenvolvimento. Para se defenderem das pressões da Igreja tiveram de afastar-se dos problemas do sagrado e foram confinando-se na investigação da matéria. A cultura se dividiu em duas partes antípodas. Coube à Ciência a investigação da matéria e à Igreja a autoridade exclusiva e absoluta de tratar dos problemas espirituais. Daí a esquizofrenia catatônica de nosso tempo. O espírito do mundo dividira-se ao meio, perdendo a sua unidade natural.

Mas não foram os cientistas os responsáveis por isso, foi o clero. Os cientistas foram os mártires dessa tragédia cultural, Tratados como hereges, sacrílegos, ateus, só não foram derrotados e transformados todos em cinza porque tinham em suas mãos a contrapartida do jogo, a metade da verdade. Se a igreja detinha a metade da ficha rasgada ao meio, a Ciência tinha a outra metade. Mas as duas metades em conflito estimularam nos homens, de um lado, materialismo, que se tornou científico, e de outro lado o orgulho e a prepotência dos clérigos de todos os tempos. O ambiente assim formado era o mais favorável para a proliferação de todas as deformações do vampirismo. Enclausurada numa suposta sabedoria infusa e infalível, que vinha do Céu, a Igreja enfeudou-se no Vaticano, transformado no Reino da Terra pelo qual trocara os sonhos messiânicos do Reino de Deus.

Kardec tentou salvar os dois lados e reajustá-los racionalmente, restabelecendo a unidade partida do espírito humano. Fundou a Ciência do Espírito na linha metodológica da Ciência da Matéria. Revelou a existência concreta das manifestações do espírito em todo o mundo, ao longo da História. A Ciência da Matéria só aceitava o real fenomênico, mas considerava os fenômenos do espírito como alucinações místicas. Kardec investigou e provou cientificamente a realidade inegável dos fenômenos paranormais. Mas a paga que recebeu, dos benefícios por esse trabalho sacrificial, foi a repulsa e a condenação de lado a lado. Mas após a sua vitória a Ciência da Matéria, como Tomé, teve de tocar com os dedos a chaga da verdade e aceitar o esquema, a metodologia de Kardec, acrescida apenas de recursos tecnológicos atuais, para

confirmar e restabelecer a unidade do espírito na cultura do nosso tempo.

Revela-se hoje, em sua plenitude, no mundo a grandeza e a solidez granítica da Ciência Espírita – pela Metapsíquica, a Psicobiofísica, a Física Transcendental de Zöllner, (hoje Física Atômica e Nuclear), a Medicina Psicossomática, a Técnica Eletrônica nas gravações do inaudível, as conquistas da Astronáutica, a Parapsicologia, as descobertas espíritas feitas pelos cientistas materialistas da Universidade de Kirov, na URSS, as conclusões mais atuais da Filosofia Existencial, que confirmam e subscrevem os princípios da Filosofia Espírita e assim por diante.

Sir Oliver Lodge e Léon Denis proclamaram, na França e na Inglaterra, respectivamente, que o Espiritismo é a Síntese Total da Realidade. Russel Wallace afirmou: “Toda Psicologia é um Espiritismo rudimentar”. Einstein proclamou: “O Materialismo morreu por falta de matéria”. Os teólogos clamam por nova Teologia e os mais inquietos propõem a Teologia Radical da Morte de Deus, as Igrejas estremecem em seus alicerces gigantescos e se reformam apressadas, os ídolos são retirados dos altares. Papini admite a conversão do Diabo e formam-se partidos clericais que sustentam a natureza simbólica do Diabo e dos Anjos. Nessa revolução atordoante só uma entidade permanece inabalável em seus fundamentos e em seus princípios, em sua estrutura que abrange as dimensões do futuro, em seu prestígio cultural e popular crescente: o Espiritismo. Só ele, com sua estrutura tríplice, geométrica, e seu formidável arsenal de fatos comprovados cientificamente, oferece ao mundo a solução total dos seus problemas. E o faz de maneira aberta e clara, sem sujeições dogmáticas, sem exigências proselitistas, sem o menor interesse pela dominação das consciências, sem organizações sistemáticas de qualquer espécie, sem intenções pretensiosas de dominação política, ideológica ou financeira, sem discriminações sociais, raciais ou culturais, abrindo os braços ao mundo para tudo dar sem nada pedir. Cabe aos homens, portanto, a todos nós, optar por ele ou por qualquer das múltiplas ideologias da ganância e da escravização que brotam das entranhas de um

passado falido. Estamos evidentemente em uma encruzilhada histórica do mundo. Ou tomamos um caminho claro e seguro em nosso comportamento, iluminado pelo Sol da Razão, ou nos embrenharemos bobamente na *Selva-selvaggia* da visão dantesca, entregando-nos à prática inexplicável e incompreensível do vampirismo deformado e deformador. A Razão é a nossa bússola. Sem ela poderemos cair de novo no misticismo medieval ou resvalar pela vala comum dos céticos, que são os mortos-vivos ou aparentemente vivos. A busca da Verdade, do Bem e da Ordem, da Justiça e do Belo é uma determinação do Espírito Supremo a que não podemos fugir. Kant errou ao negar a possibilidade da Ciência no transcendente, onde a Razão não penetraria. A História da Ciência provou aos nossos olhos o contrário, mostrando-nos que o Universo é Razão.

— 0 —

Notas:

¹ Em sua 3ª edição, o título da referida obra foi corretamente alterado para *Exteriorização da Sensibilidade* (Edicel, 1985), correspondente ao título original francês *L'Exteriorization de la Sensibilité*, Paris, 1899, 5ª edição. (Nota desta edição eletrônica.)

² A referida obra de Friedrich Zöllner, publicada em português pela Edicel, possui o título *Provas Científicas da Sobrevivência (Física Transcendental)*. (Nota desta edição eletrônica.)